

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação
Área de concentração: Ciências em Comunicação
Linha de pesquisa: Processos comunicacionais: tecnologias, produção e consumos

CINARA MARTIM DE MOURA

**APROXIMAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO, TRANSVERSALIDADE E
TECNICIDADES DIGITAIS: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO
CIENTÍFICA DE CIBERCULTURA NO INTERCOM**

São Paulo
2020

CINARA MARTIM DE MOURA

Versão Corrigida (versão original disponível na Biblioteca da ECA/USP)

**APROXIMAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO, TRANSVERSALIDADE E
TECNICIDADES DIGITAIS: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO
CIENTÍFICA DE CIBERCULTURA NO INTERCOM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial às exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de concentração: Ciências da Comunicação

Linha de pesquisa: Processos comunicacionais: tecnologias, produção e consumos

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Nicolau Saad Corrêa

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

MOURA, Cinara

Aproximações entre comunicação, transversalidade e tecnicidades digitais: um estudo sobre a produção científica de cibercultura no Intercom / Cinara MOURA ; orientadora, Elizabeth Nicolau Saad Corrêa. -- São Paulo, 2020.

66 p.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

Versão corrigida

1. Comunicação 2. Teorias da Comunicação 3. Comunicação Digital 4. Ambiências Digitais I. Nicolau Saad Corrêa, Elizabeth II. Título.

CDD 21.ed. - 302.2

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

MOURA, Cinara Martim de. **Aproximações entre comunicação, transversalidade e tecnicidades digitais: um estudo sobre a produção científica de cibercultura no Intercom.** 2020. 66 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, São Paulo, 2020.

Aprovada em: __/__/__

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Minha sincera gratidão à luta de todas as mulheres que vieram antes de mim e abriram caminhos - na vida e na Ciência - para que eu pudesse estar aqui hoje.

À minha família, especialmente aos meus pais, Rosane e José Carlos, que fizeram o máximo esforço para investir na minha educação e sempre incentivaram meus vôos. E aos meus irmãos, Maíra e Henrique, e à minha prima Gabriela, por serem os primeiros a mostrarem que abrir a educação transforma, sim, gerações inteiras.

Às minhas amigas que entenderam a ausência nos finais de semana em que precisei classificar dados e ler materiais, me estimulando a seguir. Com carinho especial à Mariana Oliveira, Caroline Betella, Bianca Arnold e Daniela Camargo, que representam aqui tantas pessoas queridas que me acompanharam nessa jornada.

Ao meu companheiro de vida e de alma, Rogério, por ser ponto de equilíbrio e me ajudar a ter foco para concluir este trabalho. Obrigada por ser tão afetuoso e cuidadoso comigo ao longo do processo.

À educação pública, sem a qual eu não poderia ter me transformado no ser humano, na pesquisadora e na profissional que sou. O ensino gratuito e de qualidade abre portas e me comprometo a trabalhar duro para que elas nunca se fechem e sejam acessíveis para cada vez mais pessoas.

Por fim, meu agradecimento a quem, assim como eu, escolheu a docência como caminho para transformar vidas, inclusive a minha. Agradeço a três professoras, que representam todas as que já tocaram a minha caminhada. Ednélia, a primeira professora de português que viu na minha escrita a potência que eu mesma ainda não reconhecia. Helenice, que me acolheu quando cheguei na UFRGS ainda assustada com as descobertas da cidade grande. E, especialmente, Beth Saad, orientadora deste trabalho que tornou minha experiência na USP possível, com muito carinho, novos (e grandes) desafios, sempre com um acompanhamento crítico, cuidadoso e aberto ao novo, se transformando em mais do que uma referência acadêmica, uma amiga.

RESUMO

Esta pesquisa insere-se numa abordagem de metapesquisa e cuja lente paradigmática foi o Pensamento Complexo. O trabalho busca contribuir para as reflexões sobre a transversalidade no campo da comunicação, sobretudo diante das tecnicidades digitais, que ampliam os fenômenos e comportamentos a serem estudados. Para isso, observamos os artigos do grupo temático de cibercultura apresentados ao Congresso Nacional do Intercom entre 2015 e 2019, recorte que possibilitou uma avaliação da própria produção acadêmica, da presença do movimento transversal, que busca apoio em outros campos de conhecimento, e da centralidade da comunicação neste processo. A transversalidade apresenta-se não apenas como um movimento de contextualização, mas também um caminho para passarmos por outros conhecimentos e voltarmos à lente da comunicação para leituras e aprofundamentos.

Palavras-chave:

Pensamento complexo; comunicação; tecnicidades digitais; transversalidade, pesquisa acadêmica.

ABSTRACT

This research seeks to contribute to reflections on transversality in the field of communication, especially in the face of digital research techniques, which expand the phenomena and behaviors to be studied. This paper uses a meta-research approach and had Complex Thinking as its paradigmatic lens. In order to understand the presence of the transversal movement in the communication field, which seeks support in other fields of knowledge, we studied the articles of the Cyberculture thematic presented at Congresso Nacional do Intercom between 2015 and 2019. The transversality presents itself not only as a movement of contextualization, but also as a way of walking through other knowledge and returning to the communication lens.

Keywords:

Complex thought; communications; digital techniques; transversality; academic research.

SUMÁRIO

1	Apresentação	10
2	Construção da Pesquisa e Metodologia	12
2.1	Objeto e problemática	13
2.2	Objetivos da pesquisa.....	15
2.3	Sistema de Hipóteses	16
2.4	Paradigma epistemológico: Pensamento Complexo	17
2.5	Conceitos-chave	21
2.6	Percurso Metodológico	23
2.6.1	Técnicas de pesquisa aplicadas	26
3	A comunicação em busca de suas teorias.....	29
4	Tecnicidades Digitais	35
5	Transversalidade como caminho e movimento.....	40
6	Coleta de Dados	44
6.1	Palavras-Chave: mapa indiciário dos artigos.....	44
6.2	Categorias de Análise	46
7	Discussão de resultados	49
7.1	Comunicação: um mosaico teórico-metodológico e seus desafios	49
7.2	Centralidade dos estudos: um olhar à comunicação e às tecnologias	54
7.3	A tal transversalidade	57
8	Considerações	61

LISTA DE FIGURAS

<i>Figure 1</i> Resumo do Sistema de Hipóteses da Pesquisa	17
<i>Figure 2</i> Esquema dos principais conceitos do trabalho	23
<i>Figure 3</i> Desenho da pesquisa elaborado pela autora com base na triangulação metodológica (DUARTE, 2009, p. 16)	25
<i>Figure 5</i> Evolução das principais palavras-chave ao longo dos anos.....	46
<i>Figure 6</i> Natureza das instituições dos artigos apresentados.....	50
<i>Figure 7</i> Levantamento das dez universidades com mais artigos apresentados.....	51
<i>Figure 8</i> Volume de trabalhos por categoria temática.....	52
<i>Figure 9</i> Centralidade dos trabalhos	55
<i>Figure 10</i> Cruzamentos entre a centralidade dos trabalhos e o papel da internet.....	57
<i>Figure 11</i> Nuvem de palavras com a análise dos campos de conhecimento presentes nos trabalhos	59

1 Apresentação

Movimento. Com essa palavra introduzimos o trabalho que apresentaremos a seguir, já que é um dos termos que simboliza, de diferentes maneiras, o que empreendemos neste estudo, fruto da pesquisa realizada no mestrado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo.

Em primeiro lugar, tomamos a comunicação como um campo em movimento, que necessita se ressignificar diante das tecnicidades digitais que transformam o tecido social de modos cada vez mais sofisticados e complexos. Na produção acadêmica, que, de maneira geral, reflete os comportamentos e fenômenos marcados por essa impermanência, não é diferente. São novas demandas que colocam a comunicação num lugar de se apropriar do conhecimento já desenvolvido, elaborar novos repertórios, criar mapas metodológicos e teóricos que dêem conta de compreendê-los cientificamente. Por isso, tomamos aqui comunicação, tecnicidades digitais e produção científica como variáveis que impactam nosso estudo.

Nessa perspectiva, percebemos a transversalidade como um movimento capaz de ajudar na busca por novos sentidos e fazeres acadêmicos. Baseamos a pesquisa na visão de Deleuze e Guattari (1995), que percebem neste conceito a potência de criar novos rizomas e devires a partir de linhas de fuga e agenciamentos para compreensão dos fenômenos. Nosso raciocínio, aplicou esta visão à produção acadêmica da comunicação, buscando identificar a transversalidade em processo no nosso recorte de estudo, que compreende os artigos de cibercultura apresentados ao Congresso do Intercom de 2015 a 2019.

O trabalho que desenvolvemos abarca ainda a noção de pensamento complexo (MORIN, 2000, 2013, 2015), abordando os processos comunicacionais e a produção científica da área a partir desse paradigma. Optamos por este caminho por perceber nele a abertura necessária para dialogar com um tema como a transversalidade, bem como deixar espaço para colocarmos nossa percepção no decorrer do estudo, contrariando a ideia de distanciamento entre sujeito-pesquisador e objeto. Assim, vale salientar que estamos nessa pesquisa, o que acreditamos faz parte dela e nossas leituras trazem, também, nossas bagagens acadêmicas e valores para a construção dessa dissertação.

Para a exploração empírica, utilizamos uma metodologia que mescla análises quantitativas e qualitativas, incorporando a ideia de triangulação metodológica

(DUARTE, 2009). A avaliação qualitativa dos trabalhos recorreu, ainda, à técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), que auxiliou a criar categorias para examinar a estrutura de todos os trabalhos apresentados com o mesmo padrão de avaliação, permitindo chegar aos resultados da pesquisa.

A partir do exame do material e fazendo o constante movimento de retorno ao paradigma científico e ao referencial teórico utilizado, encontramos uma comunicação extremamente diversa e complexa, que se tangibiliza em inúmeros temas relacionados à tecnologia digital e à cibercultura, sem que fosse possível traçar qualquer linha totalizante. Nos artigos, também percebemos a presença da transversalidade como um meio para encontrar linhas de fuga e respostas com apoio de outros campos de conhecimento, mas retornando ao cerne da comunicação para aprofundar o entendimento dos fenômenos pesquisados.

Para elucidar a nossa jornada, dividimos o trabalho em seis grandes partes. Na primeira, damos um contexto da construção da pesquisa, apresentando problema, objetivos, paradigma científico e sistema de hipóteses para nortear a leitura. Na sequência, dedicamos três capítulos à exploração teórica dos temas que guiam esse trabalho: comunicação, tecnicidades digitais e transversalidade, respectivamente. Os fragmentos seguintes se dedicam à análise e à discussão dos resultados, explicando detalhadamente como ocorreu a coleta e a avaliação dos dados, bem como os achados da pesquisa, que também servem de ponto de partida para as considerações finais do trabalho.

2 Construção da Pesquisa e Metodologia

"A técnica produzida pelas ciências transforma a sociedade, mas também, retroativamente, a sociedade tecnologizada transforma a própria ciência". A frase é de Edgar Morin e consta no livro *Ciência com Consciência*, que muito inspirou esta pesquisa, realizada na área de Teorias da Comunicação, linha de pesquisa Comunicação e Ambiências em redes digitais, sob orientação da professora Elizabeth Saad.

Esta introdução é fundamental, pois, junto comigo, Beth - como chamamos carinhosamente nossa orientadora - comprou uma ideia ousada e trabalhosa de mergulhar na produção acadêmica em busca de *insights* ou de sinais que demonstrassem que comunicação e tecnologia transformam-se mutuamente e, juntas, alteram os ponteiros da sociedade no que tange à forma como nos relacionamos. Telas, redes, plataformas, tecnologias, *devices*, canais... todas essas nomenclaturas tornaram-se pormenores da nossa busca, não menos importantes, atuando como subsídios para perceber as diferentes maneiras com que os pesquisadores compreendiam a comunicação. Todas elas foram agrupadas no que chamamos de tecnicidades digitais.

Além disso, optamos por uma abordagem que trouxesse a ideia de impermanência que é característica das ambiências digitais. A noção de que a única certeza que temos é a mudança nos conduziu por um caminho que considerasse o movimento na análise fazendo-nos imbricar pela transversalidade, não apenas enquanto um conceito, mas como um norte para aceitar que

a questão digital em seus diferentes aspectos pode assumir um caráter transversal de forma a perpassar os dois sentidos classicamente estruturados: horizontalmente a todos os sub-campos e/ou especialidades e verticalmente em cada processo, suporte e práxis (SAAD CORRÊA, 2015, p. 7)

Assim, percorremos uma trajetória de pesquisa que permitiu delimitar seu objeto e problemática, elencar hipóteses e crenças que a guiavam, definir objetivos conceituais e operacionais, além de trazer uma visão multimetodológica para a coleta e análise dos dados. Na sequência deste texto, todas essas fases são detalhadamente descritas.

2.1 Objeto e problemática

A construção da problemática de pesquisa traz à tona questionamentos acerca de como a transversalidade se manifesta na produção acadêmica sobre a comunicação digital. Entendemos como fundamental que o aprofundamento do objeto e da problemática - em seus níveis mais práticos (coleta e análise de dados) ocorressem em sintonia com um processo contínuo de crítica ou reflexão epistemológica, norteado pelos conceitos teóricos do trabalho.

A definição do objeto proposto dialoga com o paradigma complexo, apoiando-se nele para buscar "um tipo de ajustamento, necessário ou possível, entre o sujeito e o objeto de conhecimento" (LOPES, 2014, p.121). Para nortear a formulação e a explicitação teórica do objeto, partimos da elaboração de um questionamento, cujo papel é garantir que as fases de pesquisa fossem cumpridas para chegar a alguma resposta ou direcionamento. O problema de pesquisa foi, assim, um roteiro propor uma reflexão enriquecedora durante todo o processo de pesquisa, desde a pesquisa teórica até a discussão dos resultados.

De que modo a produção científica sobre comunicação apresentada ao grupo de pesquisa sobre cibercultura do Congresso Nacional do Intercom permite-nos inferir características que remetam ao conceito de transversalidade? Essa foi a questão-problema que nos guiou, colocando em conflito duas variáveis de extrema importância para o avanço da pesquisa sobre comunicação digital: produção científica e a transversalidade.

As duas variáveis deixam ocultos valores que quero ressaltar nesse trabalho. A primeira delas diz respeito à certeza de que os campos sociais e humanos também são Ciência e ganham importância no mundo contemporâneo. Quando observamos discussões a respeito do discurso e da divulgação científica, percebo áreas médicas e de exatas ganhando destaque em noticiários e redes sociais, como se o avanço da ciência ocorresse apenas à luz destes conhecimentos. Acontece, porém, que é somente a partir das lentes que aprofundam o comportamento humano e social que muitas das questões do contemporâneo poderão ser respondidas. A pesquisa em comunicação é central nesse processo e é urgente que nós, pesquisadores, nos demos conta disso.

A outra variável - transversalidade - diz respeito a uma experiência de pesquisa que extrapole o que é conhecido em termos de comunicação. Tanto em termos

teóricos para a análise proposta quanto como exercício de pesquisa, percebo neste movimento uma potência que gostaria de ver partilhada no campo: de beber de outras fontes, testar novos métodos, romper barreiras para fazer o coração da comunicação bater mais forte. Só assim penso que traremos relevância à comunicação para as discussões em que está inserida atualmente.

A elucidação destes valores está ligada à ideia de que a construção do objeto científico não é neutra e responde sempre a um questionamento formulado pelo pesquisador, que já traz nas perguntas - antes mesmo de qualquer resposta - uma visão de mundo. E vai além disso: traz também uma visão de pesquisa e de ciência, que se apresenta nas formas paradigmática e de discurso, bem como em seus cruzamentos e imbricamentos. Especialmente neste trabalho - que se debruça sobre produção teórica da área - essa visão é ainda mais crucial e vai ao encontro de uma percepção em que

a ciência é intrínseca, histórica, sociológica e eticamente complexa. É essa complexidade específica que é preciso reconhecer. A Ciência tem necessidade não apenas de um pensamento apto a considerar a complexidade do real, mas desse mesmo pensamento para considerar sua própria complexidade e a complexidade das questões que ela levanta para humanidade. (MORIN, 2005, p. 9)

A partir dessa concepção, o objeto de pesquisa consiste na produção acadêmica e científica da área das Ciências da Comunicação no que se relaciona às tecnicidades digitais. O Congresso Nacional do Intercom foi escolhido como recorte a partir do objeto devido à sua relevância histórica para a produção científica sobre comunicação no Brasil, já que visa estimular “o desenvolvimento de produção científica não apenas entre mestres e doutores, mas também entre alunos e recém-graduados em Comunicação.”² A produção acadêmica - que se materializa em seus anais - oferece um espaço de visibilidade para a comunidade científica, além de repertório para observar temáticas e desdobramentos da comunicação na sociedade contemporânea, sobretudo quando tratamos de tecnicidades digitais. Por isso, observaremos nesse estudo os trabalhos apresentados no grupo de pesquisa de Cibercultura do Congresso Nacional do Intercom entre os anos de 2015 e 2019.

² Informação extraída do site <http://www.portalintercom.org.br/a-intercom>. Data de acesso: 20 de março de 2020.

É importante salientar que não pretendo extrair inferências acerca de uma identidade única sobre a transversalidade na produção científica da comunicação digital. Quero, por outro lado, detectar os elementos de processualidade da comunicação em questão, sobretudo quanto à transversalidade, entendida aqui como importante elemento da sociedade complexa e uma dinâmica enriquecedora quando em prática no processo de pesquisa.

2.2 Objetivos da pesquisa

O desenvolvimento do trabalho baseia-se em duas tipologias de objetivos: o teórico, cujo papel é contribuir para o estudo do fenômeno e trazer possíveis discussões e aprofundamentos posteriores, e os empíricos, que visam levantar inferências a partir dos insumos coletados, possibilitando respostas práticas ao tema estudado.

Desta forma, o objetivo teórico consiste em problematizar a transversalidade na produção científica relacionada à comunicação em ambiências digitais, identificando e compreendendo se há e como ela se manifesta nos trabalhos apresentados ao grupo de pesquisa sobre Cibercultura do Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação entre os anos de 2015 e 2019.

Na ordem empírica, a problematização será materializada com apoio nos seguintes objetivos:

- Compreender se os trabalhos em questão consideram elementos de transversalidade em seu curso também consideram a comunicação como elemento central.
- Circunscrever em que nível os trabalhos conseguem concatenar diferentes campos de conhecimento, em seus aspectos teóricos e metodológicos.
- Consolidar um quadro referencial a partir dos trabalhos analisados, a fim de mapear a relação da transversalidade com a comunicação diante das tecnicidades digitais.

2.3 Sistema de Hipóteses

Como sistema que visa promover a "conexão necessária entre teoria e investigação, teoria e fato" (LOPES, 2014, p. 140), as hipóteses têm o intuito de servirem como guias de pesquisa, mas, de forma alguma devem restringir o nosso olhar a elas. São crenças que estarão presentes no desenvolvimento deste trabalho e que merecem ser textualmente formuladas.

A primeira delas diz respeito à ideia de que a comunicação tangibilizada em ambiências digitais traz à tona um cenário em que as fronteiras científicas que historicamente se limitaram à comunicação unidirecional estão sendo colocadas em xeque constantemente. Acredito, portanto, que ao pesquisar a comunicação enquanto processo que nasce neste ínterim (SAAD CORRÊA e SILVEIRA, 2017), tem-se um cenário - impermanente e em construção, saliento - que permite cruzamentos com o paradigma da complexidade, uma vez que

a complexidade da relação ordem/desordem/organização surge, pois, quando se constata empiricamente que os fenômenos desordenados são necessários em certas condições, em certos casos, para a produção de fenômenos organizados, os quais contribuem para o crescimento da ordem. (MORIN, 2015, p. 63).

A segunda hipótese que considero capital para esta pesquisa é a de que, ainda que haja alguma discussão não resolvida e contraditória sobre o conceito de comunicação enquanto campo, disciplina ou matriz interdisciplinar, as fronteiras para compreender e estudar comunicação, sobretudo no mundo midiático, mostram-se cada vez mais flexíveis, apontando para a insuficiência da especialização fechada em si mesma diante dos imperativos de comutabilidade dos saberes nos grupos de pesquisa científica (SODRÉ, 2014, p. 125), que, de alguma forma, também refletem as demandas sociais acerca do processo comunicacional.

A terceira das hipóteses implícitas na pesquisa é a de que a transversalidade consiste em um dos elementos que conduz o movimento de colocar a comunicação em sintonia com um mundo cada vez mais fluido e complexo, marcado pela presença de novos fluxos multidirecionais de interações simbólicas. Mais que isso, o movimento da transversalidade parece ser assertivo para observar o princípio da centralidade da comunicação (LOPES, 2004; MARTINO, 2007; SAAD CORRÊA, 2015), pois faz o movimento de ida para buscar conhecimento em outras fronteiras, mas retorna à

comunicação como olhar prioritário para análise do comportamento humano. Dessa forma, acredito que a transversalidade consiste num movimento necessário e numa dinâmica que já deveria estar em prática nos estudos sobre a comunicação digital. No entanto, ainda há espaço para observar como ela se manifesta em trabalhos científicos cujo olhar central é a comunicação.



Figure 1 Resumo do Sistema de Hipóteses da Pesquisa

A partir da investigação do objeto, a intenção é mapear um quadro referencial sobre os resultados encontrados para reforçar ou refutar, totalmente ou em partes, essas hipóteses ilustradas na Figura 1 e gerar *insights* para o desenvolvimento do tema em trabalhos posteriores.

2.4 Paradigma epistemológico: Pensamento Complexo

A decisão de emaranhar-se pelo entendimento do que é e como se materializa a transversalidade quando observada a produção científica da comunicação em ambiências digitais exigiu, antes de qualquer estudo específico, a adoção de uma lente paradigmática que trouxesse à pesquisa o subsídio necessário para os caminhos operacionais posteriores, como mapa de autores, métodos e narrativa discursiva, entre outros. Como qualquer escolha, não é possível isolá-la das subjetividades que permeiam a vivência científica do pesquisador e que, neste caso, possuem relação direta com a construção e a percepção do conceito de comunicação.

Ao revisitar os principais paradigmas que norteiam o estudo da comunicação, emergiram possibilidades como o estratégico, o relacional, o da midiatização. Neste

exercício, fica clara a aglutinação epistemológica que exige fechar o olhar cartesianamente no passo a passo de pesquisa: definir o objeto, formular o problema, analisar os dados e por aí adiante. No entanto, para um tema tão denso, não cabia uma abordagem de isolamento ou que tivesse a inocente pretensão de dar conta de todos os fenômenos recentes da comunicação sob um único viés, sobretudo porque as potencialidades que se apresentavam estavam justamente nos pontos de intersecção entre eles.

O intuito de me debruçar sobre um objeto que traz novos olhares à comunicação - potencialidades trazidas pelo que chamamos de digital, num sentido mais amplo - exigia "tomar consciência da patologia contemporânea do pensamento" (MORIN, 2015, p. 15), que isola cartesianamente os elementos em questão e pretende o máximo afastamento do sujeito pesquisador em relação aos objetos de estudo. Pensar novos modos de fazer comunicação fez optar por um caminho que levasse em conta o emaranhado de relações em incontáveis fluxos multidirecionais, considerasse as incertezas e a falta de respostas para perguntas-chave que eram facilmente respondidas nas relações polarizadas de emissão-recepção de outrora.

O paradigma complexo foi um alento nesse processo, pois permitiu trazer ao trabalho a impermanência de um ambiente em *beta* constante, pois, um campo em que o comportamento humano possui tamanha centralidade, como é o caso da comunicação, não poderia ser assertivamente observado sem levar em consideração esse contexto e as cargas - sociais, técnicas e psicológicas - por ele trazidas. Ao contrário, é nesse cenário que a ação de fato acontece, impondo à comunicação um papel de "ciência redescritiva do comum humano, que abrange desde o laço intersubjetivo inerente à coesão comunitária até as relações sociais regidas por mídia" (SODRÉ, 2014, p. 189).

A complexidade postulada por Morin (2000, 2005, 2013, 2015) apresenta-se como uma lente possível para a leitura dos prolongamentos do conceito de comunicação, sobretudo por permitir um compromisso não-hierárquico para o estudo proposto. Ele traz um norte teórico e também aponta um caminho a ser percorrido durante a pesquisa, absorvendo a ideia de que paradigmas científicos

forneem como que 'um reservatório disponível' das possibilidades teóricas, metodológicas e técnicas num dado momento do desenvolvimento da disciplina em uma situação social determinada. É nesse reservatório que se realizam as operações de construção da linguagem científica que estão apresentadas sobre um sistema de decisões por parte do investigador (LOPES, 2014, p. 91).

Essa abordagem também traz o ambiente e o sujeito para compor a ciência, já que o próprio progresso do conhecimento clama por um retorno à presença, exigindo que "o sujeito se reintroduza de forma autocrítica e autoreflexiva em seu conhecimento dos objetos" (MORIN, 2005, p. 30). Ao contrário do que perdurou por muito tempo nas pesquisas de comunicação, não se quer que os valores do pesquisador fiquem escondidos ou sejam entendidos como menos importante. No pensamento complexo, há uma reintrodução desse sujeito no processo de pesquisa: se escolhi investigar a transversalidade, por exemplo, é porque minha visão de comunicação e de fazer científico dialogam com esse conceito. De algum modo, também é observar o caminho, valorizando tanto o processo de pesquisa quanto o resultado dela.

Nesse sentido, intui-se outro conceito caro à complexidade: de uma ciência ambivalente, que não se esgota em si mesma nem encerra todas as respostas aos fenômenos que estuda. Ela é, assim como os sujeitos que a fazem, um processo em contínua transformação, inacabado e que joga luz sobre as noções de unidade e diversidade, compondo a visão de

um discurso multidimensional não totalitário, teórico, mas não doutrinário (a doutrina é a teoria fechada, autosuficiente, por isso, insuficiente), aberto para a incerteza e a superação; não ideal/idealista sabendo que a coisa jamais será totalmente fechada num conceito, o mundo jamais aprisionado no discurso (MORIN, 2015, p. 10)

Trata-se de um caráter multidimensional, que dialoga com a ideia de que não é mais possível dissociar os elementos uns dos outros para realização de qualquer análise que dê conta dos fenômenos sociais com coerência. É uma lente que vai ao encontro da abertura que se faz necessária na comunicação, que atua como pergunta e resposta para as principais questões contemporâneas e se tangibiliza num campo marcado por comportamentos que se transformam junto às novas técnicas.

Se “manter-se à distância, paradoxalmente, é um ato de engajamento”, como anuncia Bauman (2007, p. 184), o pensamento complexo permite justamente desenhar novos mosaicos teóricos e construtos para dar conta de uma contingência de fenômenos que rompem, ou no mínimo, trazem novas possibilidades à comunicação. Questões como fake news e contexto de pós-verdade, reconstrução contínua de papéis de consumidor e produtor (SHIRKY, 2011), relações permeadas e influenciadas diretamente por inteligência artificial e algoritmos cada vez mais robustos e a intensa presença de novos atores sociais, como é o caso dos

influenciadores digitais (KARHAWI, 2018) são alguns destes exemplos. Sem falar, ainda, nos prolongamentos dos efeitos da recente pandemia de coronavírus à comunicação, que tende a reconfigurar todas as relações sociais. Olhar para comunicação nesse contexto não é simples, pois é necessário que ela se reinvente junto dele, o que exige dois itens fundamentais: "a aptidão para problematizar e a realização da religação dos conhecimentos" (MORIN, 2000, p. 32).

A lente teórico-epistêmica da complexidade leva em conta, de modo contundente, a influência sistêmica. Operando como espinha dorsal de um contexto que culmina na mutação tecnológica da sociedade midiaticizada, este paradigma auxilia, portanto, no entendimento da comunicação, num contexto em que

torna-se incerto e obscuro o laço social, o vínculo coesivo da existência humana, cada vez mais permeado por máquinas e perpassado por uma universalidade apenas mercantil. É isso, por outro lado, que abre espaço para emergência de um conhecimento afim à reedificação do sujeito humano a partir do campo comunicacional. (SODRÉ, 2014, p. 155)

Tomo partido, neste trabalho, da visão de que a complexidade favorece a ação (MORIN, 2013, p. 26) e trago para a comunicação a tentativa de entender o papel da transversalidade neste contexto da sociedade midiaticizada, a partir da observação de um espectro da produção acadêmica. Na concepção adotada, a paralisia possível diante do emaranhado de novos fenômenos e comportamentos retroalimentados pelo digital cede lugar à necessidade de ação. Trata-se de aceitar que

a complexidade da relação ordem/desordem/organização surge, pois, quando se constata empiricamente que os fenômenos desordenados são necessários em certas condições, em certos casos, para a produção de fenômenos organizados, os quais contribuem para o crescimento da ordem." (MORIN, 2015, p. 63).

No decorrer deste trabalho, o paradigma do pensamento complexo vai ser a bússola para enfrentar o emaranhado das incertezas características de assuntos como comunicação, ciência e transversalidade. Do mesmo modo, será o guia para todas as operações metódicas da pesquisa, atuando como pano de fundo para as leituras, reflexões e análises aqui propostas, não para busca alguma verdade, mas para formular novas perguntas ao longo do caminho.

2.5 Conceitos-chave

Este trabalho nasceu como resposta a uma inquietação da pesquisadora enquanto alguém que dividia - ao mesmo tempo - as dores e as delícias da prática mercadológica da comunicação digital e de estudos e leituras da pós-graduação. Havia um ponto, no entanto, em que as duas faces da moeda se encontravam e ele residia no fato de que muito pouco se olhava para além da comunicação. Em partes, é compreensível que isso ocorra, pois, criar um novo repertório de relações com áreas como psicologia, design, antropologia e economia é muito trabalhoso e exige disposição para lutar contra os cânones de uma comunicação que ainda é muito centrada em si mesma.

Por outro lado, exercitar esse olhar para além do nosso próprio fazer, permite que as leituras e as entregas sejam mais consoantes a um mundo em que a especialização já não dá conta das respostas. Estar à frente de um movimento que lê a complexidade social de uma forma sistêmica e mais holística do que o habitual pode ser muito estratégico para que a área da comunicação se mantenha relevante e necessária em todas as discussões que pautam o comportamento e as relações humanas.

A partir dessa reflexão, os conceitos do trabalho foram surgindo como que num grande mosaico que trazia o paradigma do pensamento complexo (MORIN, 2015) como lente para leitura dos fenômenos e também a possibilidade de uma abordagem multimetodológica para investigar o objeto. As noções associadas às teorias da comunicação, às práticas e relações que ganham vida junto das tecnicidades digitais, à transversalidade e centralidade dos processos comunicacionais nortearam esse estudo.

Antes de aterrissar na ideia de transversalidade, propus uma breve investigação das construções teóricas que mais corroboram à comunicação como apresentada nesse trabalho, ou seja, que orientam a forma como ela é pensada e pesquisada enquanto campo. É importante ressaltar que, em termos de comunicação, o que entendemos como teoria "tende a se apresentar como um repertório conceitual e interpretativo para a observação e compreensão de algumas situações, mas sem o aspecto de lei ou previsibilidade" (CHECHETTO; MARTINO, 2019, p. 5), como ocorre nas ciências naturais, por exemplo. Há uma pluralidade e uma dispersão do campo, que nos levam a entender a comunicação muito menos dentro de uma ordem

puramente cronológica e linear, mas diretamente associada aos arranjos e fluxos de cada contexto (MATTELART & MATTELART, 2012, p. 10).

Nesse sentido, nos apoiamos nas noções de campo (MARTINO, 2007; LOPES, 2004), a partir de prolongamentos de Bourdieu, para fundamentar o que entendemos como comunicação: mais fenômeno do que conceito, escapando a uma definição central e gerando uma dispersão cognitiva, que culmina na associação do campo às práticas sociais, ou seja, "à passagem da comunicação como lógica político-cultural à comunicação como ciência social aplicada" (SODRÉ, 2012, p. 22).

É neste momento que surge outro conceito fundamental a este trabalho, agrupado aqui como tecnicidades digitais. A expressão acolhe - para fins de método - tudo aquilo que é marcado pela cultura digital na sociedade contemporânea, seja em suas materialidades, seja nas expressões e relações que se manifestam nesse âmbito. Abraçamos a ideia de uma "ambiência social que provoca ondas de ressignificação numa velocidade quase que incontrolável, criando vácuos entre o pensar-conceituar-entender-disseminar e o fazer-absorver-aplicar" (SAAD CORRÊA, 2017, p. 29). Essas tecnicidades são observadas não apenas como conceito, mas também enquanto prática metodológica, já que a internet pode estar presente enquanto objeto, local ou instrumento de pesquisa (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 17) e isso deve ser levado em conta na análise, pois, aponta, em algum nível, para como a comunicação é compreendida quando em relação com a tecnologia.

Situados os construtos teóricos da comunicação e das tecnicidades digitais, adentramos a ideia de transversalidade (DELEUZE E GUATARRI, 1988, 1995; SAAD CORREA, 2015; LOPES, 2014), entendida aqui como um movimento para fugir a um enraizamento fechado em si mesmo, sendo capaz de criar um sistema arborescente, que se amplia a partir de seus rizomas. A transversalidade ainda deixa espaço para observar a centralidade da comunicação enquanto forma de olhar e traduzir o mundo, mas que não reduz o entendimento dos fenômenos ao seu âmbito conceitual.

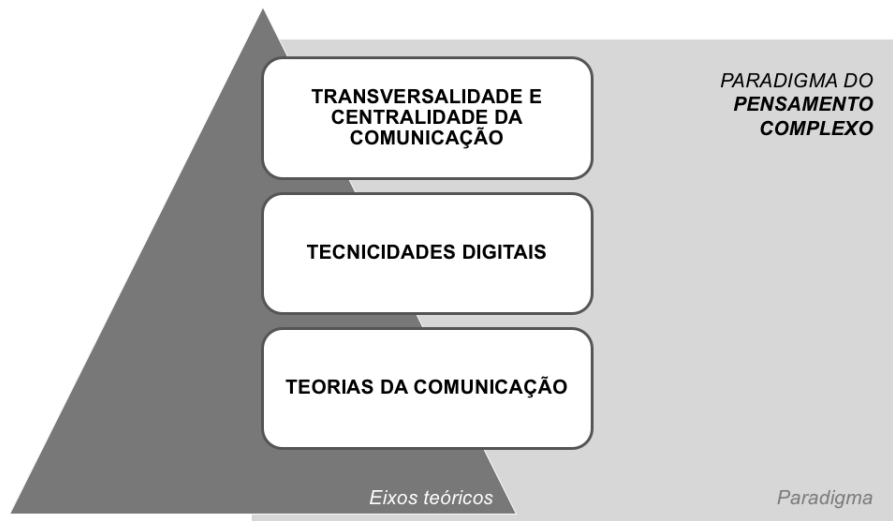


Figure 2 Esquema dos principais conceitos do trabalho

A partir do esquema ilustrativo, posteriormente vamos aprofundar cada eixo temático do trabalho, com especial atenção por como eles podem se relacionar com as técnicas de pesquisa adotadas na análise do objeto. A intenção é observá-los de maneira relacional, convergente, sem isolá-los entre si ou do contexto histórico deste trabalho.

2.6 Percurso Metodológico

A Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) é uma instituição que goza de credibilidade conquistada em 43 anos de atuação. Entre seus eventos, destaca-se o congresso nacional, evento que abriga anualmente a produção de estudantes de graduação - incentivando a carreira da pesquisa desde o começo da vida acadêmica - e também dos níveis de pós-graduação, com a apresentação de trabalhos divididos por grupos temáticos de pesquisa. Como consta no site da entidade, ela

preocupa-se com o compartilhamento de pesquisas e informações de forma interdisciplinar. Além de encontros periódicos e simpósios, a instituição promove um congresso nacional – evento de maior prestígio na área de pesquisa em Comunicação, que recebe uma média de 3,5 mil pessoas anualmente, entre pesquisadores e estudantes do Brasil e do exterior. O evento, sediado em cidade escolhida pelos sócios no ano anterior, é precedido de cinco congressos regionais.

A opção por analisar os dados do congresso nacional decorre da relevância do evento para a produção acadêmica brasileira e por ser um ponto de encontro entre os pesquisadores que, para além de suas pesquisas, também compartilham experiências e práticas de cada realidade de um país continental como é o caso do Brasil. A reunião dessas potencialidades é muito importante para o campo comunicacional, tornando o evento um farol e um repositório do que vem sendo produzido de norte a sul do país.

De 2015 a 2019, o evento recebeu 1.914 trabalhos³, em média, em cada edição do evento. Os grupos de pesquisa que recebem as produções de pós-graduandos, mestres e doutores encontram-se fracionados em 8 divisões temáticas: 1) Jornalismo, 2) Publicidade e Propaganda, 3) Relações Públicas e Comunicação Organizacional, 4) Comunicação Audiovisual, 5) Comunicação Multimídia, 6) Interfaces Comunicacionais, 7) Comunicação, espaço e cidadania, 8) Estudos Interdisciplinares da comunicação.

Dado o enorme volume de dados, para este trabalho foi necessário estabelecer um recorte que coubesse no período de pesquisa e que, ao mesmo tempo, permitisse trazer insights sobre o tema. Dessa forma, optamos estrategicamente pelo grupo de pesquisa sobre Cibercultura, inscrito na divisão de comunicação multimídia. Partimos da concepção de que no espectro da cultura digital e do ciberespaço os movimentos transversais à e na comunicação se deixam evidenciar mais facilmente do que em outros focos. Acreditamos também que os recentes comportamentos possibilitados por ambiências digitais são mais profundamente explicados quando contemplam um olhar também a outros campos de conhecimento, que não apenas a comunicação, o que se mostra necessário quando estudamos cultura digital.

Deste modo, abrimos caminho para aproximar teoria e prática de pesquisa, escolhendo as técnicas de coleta e análise de dados, bem como fazendo sua relação contínua com os eixos teóricos do trabalho. O percurso metódico também foi acompanhado constantemente do exercício crítico de ida e volta ao paradigma científico do trabalho, visando "permitir que a atividade científica disponha dos meios da reflexividade, isto é, da autointerrogação" (MORIN, 2005, p. 26). Assim, cada passo da pesquisa foi acompanhado de questionamentos como: este jeito de avaliar os dados não limita o que posso encontrar? Esta leitura traz toda a complexidade que

³ Dado informado pela Secretaria da Intercom no dia 21 de junho de 2020.

podemos extrair? Estamos levando em conta o caráter multidimensional contido na nossa lente epistemológica?

Adotamos um caminho multimétodos inspirado na triangulação metodológica (DUARTE, 2009), que defende romper fronteiras entre as abordagens quantitativa e qualitativa, desde que estes viéses possam enriquecer a compreensão do fenômeno estudado. De acordo com essa proposta, "interrelacionar dados de diferentes fontes é aceitar uma epistemologia relativística, que justifique o valor do conhecimento de muitas fontes, em vez de elevá-lo a uma única fonte de conhecimento" (FIELDING E SCHREIR, apud DUARTE, 2009, p. 9).

Corroboramos da ideia que

a pesquisa quantitativa é adequada para a apreensão de variações, padrões e tendências, mas é frágil na apreensão de detalhes e singularidades, razão pela qual os problemas de pesquisa para os quais o aprofundamento é mais importante que a generalização dos resultados solicitam abordagens qualitativas. (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 67)

Visando a complementariedade dos métodos, optamos por um caminho que envolve a sequência de abordagem exploratória do tema, seguida pela coleta, categorização primária e organização dos dados e, posteriormente, um processo de aprofundamento da análise. Dessa forma, temos um desenho de investigação (figura 3) que envolve métodos qualitativos, quantitativos e, novamente, qualitativos, sequencialmente.

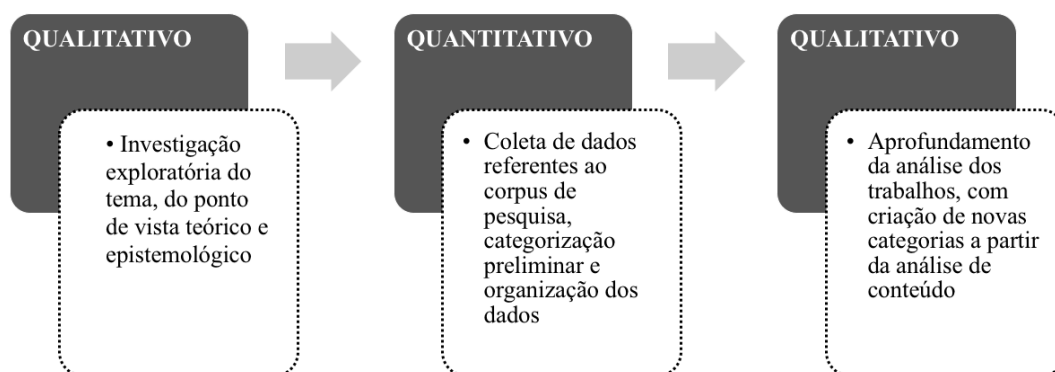


Figure 3 Desenho da pesquisa elaborado pela autora com base na triangulação metodológica (DUARTE, 2009, p. 16)

A partir deste sistema, na sequência discorro sobre as técnicas aplicadas a cada um destes momentos da pesquisa. Durante todo processo, elas permaneceram abertas à crítica e às mudanças que se fizeram necessárias no decorrer do trabalho.

2.6.1 Técnicas de pesquisa aplicadas

Antes de explicar os procedimentos adotados, é importante frisar que esta pesquisa se distancia da neutralidade preconizada por muitos teóricos positivistas. Como orienta a pesquisadora Maria Immacolata, "longe de construir uma forma neutra e controlada de elaboração de dados, as técnicas de coleta e seleção supõem um conjunto de retenções e exclusões" (LOPES, 2014, p. 132). Dessa forma, reconhece-se a riqueza dos métodos adotados, mas também seus limites em criar qualquer espécie de generalizações.

Seguindo a triangulação, optou-se por adotar técnicas multimetodológicas de pesquisa, visando enriquecer a análise pela complementaridade de perspectivas entre elas e indo de encontro à visão dicotômica que restringe o estudo a este ou aquele método. Almeja-se a "exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas" (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 20) a fim de realizar a análise mais assertiva possível do objeto de estudo.

Antes de qualquer operação técnica, foi realizada uma revisão sistemática dos principais eixos teóricos deste trabalho: comunicação, ambiências digitais e transversalidade, além de um profundo mergulho no pensamento complexo, paradigma que orienta este trabalho. Mais do que uma fase estanque, esse momento foi fundamental para levantar conceitos que acompanharam todo o exercício empírico.

Após a realização do mapeamento conceitual, a pergunta "de que modo a produção científica sobre comunicação apresentada ao grupo de pesquisa sobre cibercultura do Congresso Nacional do Intercom permite-nos inferir características que remetam ao conceito de transversalidade?" foi operacionalizada em dois momentos de pesquisa: o primeiro - exploratório e quantitativo - tinha a função de destacar elementos centrais à análise por meio de uma checagem de título e palavras-chave de cada trabalho, bem como criar uma amostra para um estudo com mais profundidade na fase posterior; o segundo momento, qualitativo, visava trazer profundidade aos dados, revelar características e entender a relação delas com a

tríade teórica deste trabalho. No entanto, devido à presença de dados muito heterogêneas, acabamos abrindo mão de uma avaliação amostral e optamos pela análise, na íntegra, de todos os trabalhos do recorte. A seguir, vamos explicar detalhadamente cada um destes procedimentos.

Na primeira etapa da fase operacional, foram levantados 360 trabalhos entre os anos de 2015 e 2019 (tabela 1), juntamente com os campos de título, palavras-chave, autor e o link para o trabalho completo, todos disponíveis no site da Intercom e coletados a partir dele, sendo dispostos numa planilha. Os trabalhos foram classificados um a um, num trabalho manual que visava extrair recorrências que se sobressaíssem aos olhos, como repetição de palavras-chave ou a alteração na tipologia dos trabalhos ao longo do tempo. Foram contabilizadas as palavras que possuíam maior frequência ao longo do tempo, sendo observados desde nomes das principais plataformas de comunicação digital, como Facebook, Twitter e WhatsApp, até elementos norteadores como Comunicação, Comunicação Digital, Tecnologia, entre outros. Além disso, outros termos como Influenciadores, *Fake News* e *Memes* foram sendo adicionados à contagem na medida em que apareciam.

Ano	Trabalhos
2015	74
2016	76
2017	87
2018	55
2019	68
TOTAL	360

É importante considerar que esses termos atuam para abrir espaço para análise em dois níveis: num viés geral, com o total de vezes que foram utilizados nos trabalhos, a fim de inferir como a produção se relaciona com o grupo, como o percebe e o retroalimenta; e, depois, para trazer à tona as nuances de cada edição do evento, com as alterações típicas de cada ano, que reforçam o papel da comunicação enquanto campo social que acompanha seu tempo.

A próxima etapa do trabalho foi a leitura qualitativa dos trabalhos, visando observá-los com maior profundidade e encontrar elementos que sinalizem comportamentos e fenômenos não identificados na investigação inicial, mas, ainda

assim, importantes à pesquisa. A ideia inicial de observar os trabalhos por uma amostra probabilística foi afastada já nas primeiras leituras pois percebemos que os artigos estavam longe de apresentar um panorama homogêneo em suas teorias, assuntos, temáticas e metodologias.

Para realizar a avaliação qualitativa, foram aplicadas técnicas de análise de conteúdo, procedimento que "enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta" (BARDIN, 1977, p. 30), por meio da investigação do que é encontrado nas comunicações:

a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 1977, p. 38).

A partir da análise documental quer-se passar de um objeto primário - neste caso, os trabalhos em si - para uma representação deles, realizadas a partir da análise de conteúdo e sempre prevendo uma conexão ao tema estudado.

3 A comunicação em busca de suas teorias

É interesse de boa parte dos pesquisadores elucidar uma questão fundamental a este trabalho: o que é, afinal, a comunicação? Muitos dos que se debruçaram na tentativa de delimitar a noção de comunicação propuseram seu cerceamento a uma disciplina mais específica ou abrangente por meio de abordagens teóricas que, vale dizer, não podem ser isoladas de seus contingentes históricos. Nesta discussão, percebemos o entendimento de disciplina como algo que "pressupõe a ação dos conhecimentos uns sobre os outros de modo que os avanços ou a introdução de uma nova teoria altera as demais e gera novas condições de pesquisa" (MARTINO, 2007, p. 31). A configuração de uma disciplina reivindica padrões e critérios teóricos mais rigorosos do que sobreposição de teorias e práticas.

Assim, uma visita à história das teorias de comunicação nos apresenta inúmeras tentativas de defini-la, mantendo entre si poucas linhas gerais. Um dos traços que se mantém é o de que qualquer teoria está sempre inserida no seu tempo e na realidade que a cerca. A história das teorias da comunicação constitui

a história das separações e das diversas tentativas de articular ou não os termos do que frequentemente surgiu sob forma de dicotomias e oposições binárias, mais do que níveis de análise. Invariavelmente, em contextos históricos diversos, sob formulações variadas, essas tensões e antagonismos, fontes de exclusão, não deixaram de se manifestar, dividindo escolas, correntes e tendências (MATTELART & MATTELART, 2012, p. 10)

As idiossincrasias evidentes na citação anterior deixam espaço para entender a comunicação - e, por consequência, suas teorias - como uma área de articulações. A pluralidade faz com que não seja possível falar numa única teoria da comunicação, mas, no plural, tratamos de teorias. Muito além de uma disciplina rígida, para Martino, "o que está em jogo é a autonomia dessa área de estudos questionada na sua capacidade de gerar conhecimentos" (2007, p.27). A partir dessa reflexão, outras duas noções são muito úteis para o raciocínio proposto: a de campo comunicacional e a de pós-disciplina.

A ideia de campo é mais ampla e abrangente que a de disciplina e não impõe a superação de problemas colocados por muito epistemólogos da área, como a fragmentação da produção, por exemplo. Isso, essencialmente, porque essas questões não são vistas como um problema e não formam qualquer tipo de barreira ao conceito. É uma concepção mais plural, que abarca as diferenças de linhas e fazeres no cerne do que é comunicação, já que

Se falarmos em campo, necessariamente teremos um enorme conjunto de teorias, não articuladas entre si, relativas aos vários saberes que aí se encontram. Mas, se falarmos de disciplina, evidentemente teremos que ser mais rigorosos, pois, antes de tudo, teremos que estar em condições de reconhecer uma teoria da comunicação. (MARTINO, 2007, P. 127)

Nesse sentido, chama atenção o fato de que a comunicação desenvolveu-se de modo diferente de outras áreas científicas: apresenta-se bem desenvolvida como campo institucional (cursos, programas, produção acadêmica, etc), mas deixa a desejar em relação às teorias-eixo, o que contraria um caminho natural em que "a fundamentação teórica é o lastro que permite o desenvolvimento institucional. " (MARTINO, 2007, p.39).

A visão de pós-disciplina (SODRÉ, 2014), por sua vez, é produtiva à compreensão da função da comunicação. Antes de aterrissar neste conceito, Muniz Sodré faz um percurso discursivo em que apresenta algumas informações que auxiliam no entendimento. A primeira delas traz à tona a compreensão do norte-americano Robert Craig de que "exceto no interior de pequenos grupos, os teóricos da comunicação aparentemente nem concordam e nem discordam sobre muita coisa. Não existe um cânone de teoria geral ao qual todos se refiram" (1999, p. 161 apud SODRÉ, 2014, p. 27). Sodré também expõe a ideia - comum em alguns fóruns de discussão - da comunicação como objeto interdisciplinar que mobiliza outras 10 disciplinas: Filosofia, Linguística, Antropologia, Sociologia, Direito, Ciência Política, Psicologia, História, Economia e Psicossociologia. E, por fim, o autor sinaliza um fator que interfere na forma como se dá a produção científica da comunicação: "com raras exceções, o saber comunicacional sempre foi priorizado pelo mercado" (2007, p. 65), o que explica o caráter altamente empírico e metódico ao que é produzido em comunicação - sobretudo diante das novas tecnologias digitais - e impõe algumas barreiras à construção de teorias.

Todos esses recortes servem para que o Sodré chegue à concepção de pós-disciplina, que exige um nível maior de abstração e, ao mesmo tempo que toma como vago o conceito de campo teórico, também ultrapassa a ideia de uma disciplina, que, por sua rigidez, limita o desenvolvimento comunicacional. Após revisitar os principais construtos da comunicação, o autor traz essa ideia da seguinte forma

abole-se a perturbação da dualidade simbólica ou dos 'contrários' psíquicos para neutralizar os sentidos e transcender as modalidades 'humanas' ou

antropocêntricas da existência. A supressão temporária do corpo próprio, análoga à suspensão da comunicação, é experimentada como um 'renascimento' simbólico que, no limite, se faz imprescindível a uma ecologia profunda da mente. (SODRÉ, 2014, p. 111).

A partir daí, a comunicação é situada como ciência redescritiva no bios virtual. Trata-se da concepção de que "uma Ciência da Comunicação é tão só o resultado da exigência histórica de se chegar a um entendimento ético e político do que está subsumido nas novas formas de elaboração do comum" (SODRÉ, 2014, p. 188).

Nesse sentido, Martino (2007) salienta a importância de ter em mente a distinção entre as teorias sobre a comunicação e as teorias da comunicação. "As primeiras, é de fácil constatação, são provenientes das mais diferentes disciplinas (sociologia, psicologia, ciências políticas...), enquanto que a segunda expressão designa as teorias que constituem uma disciplina, um saber autônomo" (MARTINO, 2007, p. 30).

A comunicação enquanto um campo proprietário de teorias é tomada como relativamente nova e - para muitos estudiosos - ainda pouco desenvolvida, quando comparada a ciências clássicas, como economia e sociologia, por exemplo. Isso não significa, contudo, que anteriormente não haviam reflexões sobre a comunicação, que "é tão antiga quanto as primeiras sociedades humanas e seria um equívoco afirmar que até então os indivíduos e as sociedades não se preocuparam com a comunicação" (FRANÇA, 2016, p. 34). Já em 1963, Schramm afirmou acerca da comunicação:

a comunicação é um - talvez o - processo social fundamental. Sem comunicação as sociedades e grupos humanos não existiriam. Dificilmente alguém poderia projetar uma pesquisa ou fazer teoria em qualquer campo do comportamento humano sem fazer alguma suposição sobre a comunicação humana (SCHRAMM, 1963, p.1, apud BERGER, p. 51)

Todavia, para quem se debruça sobre os fenômenos da comunicação mais recentes trazidos pelos últimos avanços tecnológicos, é comum a percepção de que muito do que se produziu em teorias da comunicação parece obsoleto e ultrapassado quando aplicado às novas configurações interativas. Vale salientar que essa sensação decorre muito mais da velocidade com que as mutações tecnológicas estão acontecendo e modificando as possibilidades de interação humana do que ao fato de que a comunicação se apoia em bases muito sólidas e antigas que a definem enquanto campo que detém uma legitimidade científica, já que a organização mais

sistematizada das disciplinas convergindo para uma teoria da comunicação data da década de 40 (MARTINO, 2007, p. 36). Penso que o grande desafio dos pesquisadores está em fazer as conexões entre as teorias clássicas - que já possuem uma base histórica que fornece universo empírico e cognitivo - e novas produções que apontam justamente para caminhos forjados sob a ótica dos fenômenos contemporâneos. Como alerta Sterne (1999, apud FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 32), trata-se de investigar comparativamente o passado para não cairmos na armadilha fácil da novidade.

Cabem, então, algumas reflexões sobre o percurso de pesquisa proposto neste estudo: qual a comunicação que dá conta do entendimento de novas configurações do comportamento humano baseadas em interações cada vez mais calcadas em tecnologias de informação e comunicação? É possível utilizar mapas de outros contextos históricos e sociais para desenhar percursos teóricos e metodológicos que deem conta do mundo contemporâneo? Como outras disciplinas podem auxiliar na construção de um trabalho sobre ambiências digitais sob a lente da comunicação? As respostas para essas perguntas são, talvez, inatingíveis em sua totalidade, mas a proposta deste estudo - inscrito justamente numa linha de pesquisa de teorias de comunicação - é observar como se configuram os desenhos do que está sendo produzido hoje, levando em conta, especialmente, a comunicação digital.

Sabe-se que observar temáticas ligadas à tecnologia na perspectiva da comunicação é um exercício que requer flexibilidade e um trajeto atento que beba de outras fontes e disciplinas para dar conta do exercício que almeja a apreensão dos fenômenos. Contudo, há que se ter atenção para que, em estudos dentro dessa perspectiva, a comunicação mantenha seu princípio da centralidade, que se torna "reflexo imediato do papel que a ação comunicativa vem assumindo nas relações sociais e nas atividades organizativas e financeiras" (SAAD CORRÊA e SILVEIRA, 2017, p. 175).

Para Martino, toda a teoria que se pretende da comunicação deve assumir características de centralidade do fenômeno comunicacional, ou seja, "significa dizer que a realidade humana deve ser explicada (entendida, descrita) tomando-se a comunicação como fator privilegiado" (2007, p. 28). O autor ainda reflete:

tenhamos em conta que se trata da hipótese fundamental, uma tomada de posição que caracteriza a disciplina enquanto tal, já que é sob essa perspectiva que serão lidos e interpretados os fenômenos humanos. Daí seu nome comunicacional, pois toma a comunicação não necessariamente como

causa, mas como fator central para a compreensão desses fenômenos. É este engajamento - hipotético, perspectivado - que caracteriza uma teoria como pertinente a uma disciplina. (MARTINO, 2007, P. 28)

Outra autora que corrobora sobre a importância da centralidade da comunicação é Lopes (2004). Ao refletir e traçar um mapa sobre a prática da pesquisa de comunicação no Brasil sob a ótica da globalização, ela aponta para a

centralidade da comunicação como o próprio modo organizativo da sociedade contemporânea, isto é, em que a comunicação passa a operar ao nível das lógicas internas de funcionamento do sistema social. O que há de novo nisto é que o campo da Comunicação complexifica-se enormemente, tornando explícito o erro epistemológico de continuar tratando a comunicação como objeto de estudo numa perspectiva meramente instrumental, quer seja através da crítica ideológica, quer seja através da afirmação funcionalista. (LOPES, 2004, p. 17)

A discussão da centralidade da comunicação é medular à comunicação em ambiências digitais, que trazem novos fenômenos e exigem dos pesquisadores a busca incessante por métodos e teorias que dêem conta de novos comportamentos e dinâmicas. É fundamental que o movimento de ir beber de outras fontes e buscar referências em outros aportes disciplinares venha acompanhado do retorno à comunicação como lente de pesquisa.

Além disso, a centralidade tem um papel crucial na discussão da transversalidade, que empreenderemos adiante. Para tal reflexão, assumimos o que propõe o pesquisador argentino Eduardo Vizer, quando afirma que o campo da comunicação tem sua identidade no "aprofundar as articulações e inter-relações que definem a comunicação com a marca de uma perturbadora transversalidade." (VIZER, 2018, p. 571). Reforçamos que, nos interessa neste trabalho, a centralidade da comunicação e não dos aparatos tecnológicos. É por essa lente que adentramos o estudo do nosso objeto.

Conhecidos os conflitos, as convergências e algumas das discussões que permeiam a definição e o espaço científico da comunicação, cabe, a partir daí, investigar como abordagens específicas às tecnicidades digitais trazem à tona esse tema. Como ponto de partida, vamos lançar mão do mapeamento realizado por Martino (2013), quando traça quadros de referência da Cibercultura em relação às Teorias de Comunicação, áreas cujas convergências deixam sobressair tensões advindas sobretudo de sua origem, uma vez que as teorias clássicas da comunicação

nascerem num contexto unidirecional e de larga escala, enquanto as da cibercultura já são construídas neste novo contexto de fluxos multidirecionais e interativos.

4 Tecnicidades Digitais

Antes de adentrarmos a reflexão, é adequado esclarecer o viés sob o qual estamos utilizando a terminologia "tecnicidades digitais". Como é perceptível em qualquer consulta a periódicos ou anais de eventos acadêmicos produzidos na última década, a comunicação materializada em novos dispositivos midiáticos infere uma série de indefinições, que vão desde objetos até nomenclaturas, contradições normais para um campo em construção e exposto a contínuas mudanças da cultura digital.

No clássico *Dos Meios às Mediações*, Martin-Barbero sinaliza que desde os anos 80 a comunicação tem sido protagonizada pelo que ele chama de novas tecnologias (2015, p. 255). Logicamente, inclusive pelo contexto em que a obra de Martin-Barbero se inscreve, essa mediação não está necessariamente ligada ao que nomeamos como meios digitais, mas culmina num momento em que a tecnologia assume um papel fundamental nas relações mediadas por computadores, dispositivos móveis e outros recursos cada vez mais cotidianos. Para o autor, no entanto, não é possível extrair um retrato dessas tecnologias sem observar a sociedade em que se inserem, já que

dizer sim ou não às tecnologias, é dizer sim ou não ao desenvolvimento, porque as questões deslocam os problemas das tecnologias em si mesmas para o modelo de produção que implicam, seus modos de acesso, aquisição e emprego; deslocamento de sua incidência em abstrato sobre os processos de imposição, deformação e dependência que trazem consigo ou, numa palavra, de dominação, mas também de resistência, refuncionalização e redefinição (Martin-Barbero, 2015, p. 256)

É neste contexto, marcado por uma série de incontáveis mediações, que nascem as observações da cultura marcada pelo digital e realizada nestes espaços digitalizados de interações, fluxos e disputa de sentidos: a Cibercultura (LEMOS, 2002; LEVY, 2009; MARTINO, 2013). Como era de se imaginar, essa cultura traz em si um potencial de diversidade de padrões e rearticulações do que conhecemos como comunicação. Martino (2013), num exercício de aproximação entre teorias da comunicação e da cibercultura sinaliza uma

divergência na escolha e uso dos nomes – “Cibercultura”, “Cultura Digital”, “Mídias Sociais”, “Redes Sociais Digitais”, “Redes Sociais Conectadas” e assim por diante – sugere uma série de ambiguidades e disputas no que diz respeito ao campo da experiência coberto por esses conceitos. (MARTINO; BERGER; CRAIG, 2013, p. 97)

Neste trabalho, entendemos que "a tecnologia remete hoje não a alguns aparelhos, mas sim a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escritas" (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54) e, por isso, nos apoiamos na noção de tecnicidade ligada à técnica que permite mediações da comunicação. Sendo assim, optamos por tratar todo o emaranhado de nomenclaturas que surge na cibercultura como tecnicidades digitais, englobando as terminologias associadas ou que se aproximam da compreensão de uma comunicação realizada neste contexto, abraçando a concepção de que

na assunção da tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura, nossa sociedade pode interagir com os novos campos de experiência em que hoje se processam as mudanças: desterritorialização/relocalização das identidades, hibridações da ciência e da arte, dos escritos literários, audiovisuais e digitais, a reorganização dos saberes desde os fluxos e redes, pelos quais hoje se mobilizam não só a informação, mas também o trabalho e a criatividade, o intercâmbio e a aposta em comum de projetos políticos, de pesquisas científicas e experimentações estéticas (Martin-Barbero, 2006, p. 76)

Nossa intenção é justamente considerar o que os sujeitos constroem e exploram quando digitalmente conectados, compreendendo que o impacto da cibercultura está na simbiose paradoxal entre o aspecto técnico e o social, colocando "em marcha um processo de apropriação e de construção de tecno-socialidades ou cibersocialidades" (LEMOS, 2002, p. 84). Trata-se, muito menos de observar um ambiente homogêneo, mas de algo que nasce junto à emergência de novos fluxos de interação realizados numa sociedade altamente complexa e midiaticizada, uma vez que

apenas as mesclas, hibridismos e diálogos podem dar conta de um objeto em constante mutação. A arquitetura da Internet, das redes sociais conectadas e das mídias digitais, com a possibilidade de interconexões, modulações e transformações, parece sugerir essa necessidade dinâmica de uma "teoria" capaz de se reestruturar para dar conta de seu objeto. E, nesse ponto, a tensão com as Teorias da Comunicação de alguma maneira encontra uma afinidade – ainda que negativa. (MARTINO; BERGER; CRAIG, 2013, p. 97)

Cabe ressaltar algumas relações possíveis, temporal e comportamentalmente:

1) a concomitância dessas tecnicidades digitais com a emergência de novos dispositivos baseados em tecnologias cada vez mais sofisticadas de informação e comunicação, mas que não podem ser confundidos com sua *plataformização*; 2) com os estudos sobre midiaticização, que, de grosso modo, abarcam uma percepção articulada entre os atores sociais e os artefatos midiáticos, rompendo com a dicotomia

entre sociedade e mídia que podia ser inferida em teorias anteriores. Neste trabalho, por não ser o foco do estudo, optamos por não aprofundar esses dois tópicos, mas é conveniente destacar que toda a pesquisa teórica apresentou linhas de intersecção entre objetos da cultura digital, plataformização e midiatização, sendo uma opção estratégica não debruçarmo-nos em tais concepções.

Deste modo, a nomenclatura por que optamos encontra sinergia na definição de fenômenos de comunicação digital como

aquelas manifestações da comunicação humana - conteúdos que ocorrem exclusivamente no ambiente tecnológico de bits; utilizando as ferramentas técnicas possibilitadas por este ambiente para promover trocas, interações, relações de sociabilidade; e levando em consideração que tudo isso ocorre num contexto social existente e algumas vezes determinante. (SAAD CORRÊA, 2008, p. 314)

Há uma relação quase que imediata entre o estudo das tecnicidades digitais e dos dispositivos em que as interações se manifestam. É natural pensar que a origem da comunicação em teorias clássicas onde suporte físico (TV, rádio, papel, etc) era essencial possa fazer com que os pesquisadores automaticamente transfiram esse tipo de pensamento para a era digital. No entanto, isso se mostra contraditório, pois é justamente esse aporte físico que se dilui gradativamente e cede espaço a sequências numéricas (de dígitos, por conseguinte, digitais), que permitem o rastreamento e a distribuição de informações na era digital. Hoje, estamos conectados mais por um espaço cognitivo do que, necessariamente, físico.

Nesse sentido, buscamos uma análise menos calcada na mídia propriamente dita, pois trata-se de "ver que o uso dos meios de comunicação está relacionado à criação de novas formas de ação e interação, novos tipos de relações sociais e novas formas de relacionamento com os outros e consigo mesmo" (THOMPSON, 2018, p. 19). Nos interessa menos o suporte técnico em si, a plataforma ou a tecnologia e mais os prolongamentos acadêmicos e teóricos elaborados a partir da observação dos fenômenos comunicacionais que acontecem nesses aparatos e recursos. A centralidade, acentuamos, está no processo de comunicação e não na mídia.

O termo ciberespaço, assim como ocorre com diversos conceitos da comunicação contemporânea, nasceu e foi sendo moldado junto à sua significação. No início do milênio, Pierre Levy sentenciava

o ciberespaço integra todas as mídias anteriores, como a escrita, o alfabeto, a imprensa, o telefone, o cinema, o rádio, a televisão e, adicionalmente, todas

as melhorias da comunicação, todos os mecanismos que foram projetados até agora para criar e reproduzir signos. (LÉVY, 2000, p.64)

Na mesma época, Lemos situava o conceito como “consequência da atitude social em relação à informática” (LEMOS, 2002, p. 115), terminologia que foi ganhando novos contornos à medida que a conexão passou também a ser pautada pela mobilidade, algoritmos cada vez mais sofisticados e tecnologias de mediação de realidades virtual e aumentada, por exemplo.

O ciberespaço também foi marcado diretamente pela evolução do que chamamos de internet e, sobretudo, das relações que foram se reinventando e modificando nesse espaço. Ela simboliza um campo para o estudo do que as pessoas fazem quando estão online (HINE, 2000) e, para além dos estudos acadêmicos, também acompanha os prolongamentos e novidades do seu tempo. Há três perspectivas principais que devem ser consideradas quando observamos a pesquisa sobre a internet.

A primeira delas é a que se aproxima do que chamamos de cibercultura, que toma a internet no sentido de revelar trocas e sociabilidades, trazendo a ideia de uma cultura à parte e intrínseca ao espaço digital. Ela a considera como um local, ou seja, "um espaço distinto do offline, no qual o estudo enfoca o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem nas comunidades virtuais e ou nos mundos virtuais" (RECUERO, 2011, p. 41). Possui, por isso, um foco amplo em estudar as conexões entre os atores e sujeitos que realizam as comunicações com foco naquele espaço.

A internet enquanto artefato cultural é outra possibilidade de pesquisa e aproxima-se de uma visão em que a internet atua como objeto de estudo. Nesse sentido, essa concepção

observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. Assim, favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior [cultura] pela integração dos âmbitos online e offline (RECUERO, 2011, p. 42)

Na ideia de artefato cultural, há pesquisas que avaliam discursos, práticas de produção e consumo de conteúdo e as novas identidades que surgem nos espaços mediados pela tecnologia. Aqui, são consideradas fluidas as fronteiras entre os ambientes online e offline.

Uma terceira opção de tomada da internet é a que a considera enquanto

instrumento de pesquisa, ou seja, como tecnologia midiática que possibilita práticas sociais. Nessa perspectiva, a internet atua como mídia, determinando as práticas a partir da tecnologia, e concentra estudos qualitativos como a netnografia, por exemplo, em que há uma centralidade midiática. Também nesse viés encontram-se estudos de convergência midiáticas e trabalhos que consideram a interação homem-máquina, como é o caso da Teoria Ator-Rede (LEMOS, 2016).

O que importa para a análise que estamos empreendendo neste trabalho é a comunicação que nasce junto a esse espaço de sujeitos conectados e como ela é cientificamente observada. É possível, por exemplo, relacionar o modo como a internet é considerada com a presença de uma transversalidade? Ou ainda, do que estamos falando - enquanto pesquisadores - quando nos enveredamos por outros saberes?

Mediado pela tecnologia, o ciberespaço tornou-se, à medida que a tecnologia evoluiu, um local de negociações e trocas complexas, processos sociais que podem ser observados à luz da comunicação, mas não somente dela. Muito longe de um caráter homogêneo, ele sinaliza as nuances do que podemos encontrar, hibridismos e impermanências, seja em termos de nomenclaturas, de objetos ou mesmo de conexões teóricas entre o clássico e o que provoca rupturas. Afinal, "num mundo no qual o futuro aparece garantido pelos automatismos do sistema, o que nos resta de tempo humano é o cuidado dos resíduos, das impressões do vivido" (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.72).

5 Transversalidade como caminho e movimento

Chegamos, então, ao cerne da investigação proposta neste trabalho, que é a transversalidade. Em primeira medida, cabe elucidar o porquê da opção por esse conceito para nortear a pesquisa. Ao lado da centralidade e da resiliência, Saad Corrêa (2015) situa a transversalidade como condição da contemporaneidade digital quando refletem sobre uma epistemologia da comunicação, referindo-se à

capilaridade das tecnologias digitais atuando simultaneamente nos processos que operam as atividades comunicativas, nos sistemas que integram processos anteriormente fragmentados, nos dispositivos cada vez mais convergentes devido às *affordances* que incorporam funções de mobilidade e geolocalização, interatividade aos suportes comunicativos clássicos, e nos próprios produtos midiáticos. (SAAD, 2015, p. 116)

Ao assumirmos a transversalidade como movimento protagonista na forma de tratarmos a comunicação, estamos, ao mesmo tempo, optando por escapar à visão disciplinar, que provoca isolamento dos saberes em unidades. Por isso, apesar de aparecem em determinados momentos da pesquisa documental e serem importantes enquanto investigação de conceitos, temas como transdisciplinaridade (utilizado, inclusive, por Morin) e interdisciplinaridade cederam espaço ao conceito de transversalidade, mais fluído e aberto para estudar os fenômenos oriundos das técnicas digitais contemporâneas.

Nesse sentido, na obra "Ciência com Consciência", Morin pondera sobre a transdisciplinaridade, que é a concepção de disciplina que mais se aproxima do movimento que pretende a transversalidade e serve como pesquisa de base neste trabalho. Essa visão é capilar ao sistema complexo e tem como objetivo justamente ultrapassar o invólucro das disciplinas, servindo, por isso, como ponto de partida para chegarmos à transversalidade.

A missão desse método [transdisciplinaridade] não é fornecer as fórmulas programáticas de um pensamento "são". É convidar a pensar-se na complexidade. Não é dar a receita que fecharia o real numa caixa, é fortalecer-nos na luta contra a doença do intelecto - o idealismo -, que crê que o real se pode deixar fechar na ideia e que acaba por considerar o mapa como território, e contra a doença degenerativa da racionalidade - a racionalização -, a qual crê que o real se pode esgotar num sistema coerente de ideias. (MORIN, 2005, p. 140)

Cunhado no começo da segunda metade do século passado, o conceito de transversalidade que tomamos aqui teve em Félix Guattari e Gilles Deleuze alguns de seus principais precursores. Os filósofos apontaram para o pensamento transversal como meio de ultrapassar preceitos sólidos, puros, verdades absolutas e hierarquizadas - as raízes. Em contrapartida, deram luz à noção de rizoma, que conduz a um pensamento capaz de elucidar multiplicidades, um enraizamento mais aberto, que permite linhas de fuga ao que foi formulado anteriormente. Segundo os autores,

todo rizoma compreende linhas de segmentaridade, segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc., mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 18).

A conceituação acerca do rizoma deixa escapar a ideia de sistema conceitual aberto, com potencial de multiplicação e de encontrar novos caminhos em seu curso de pensamento, ou seja, é vivo e experimental. Esse viés, que serve como solo fértil à transversalidade, também vai ao encontro do paradigma da complexidade, cujo desafio do pensamento é justamente que ele "deve enfrentar o emaranhado (o jogo infinito de inter-retroações), a solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma, a incerteza, a contradição" (MORIN, 2015, p.14).

Partindo do entendimento do rizoma, Deleuze e Guattari defendem que as linhas de fuga são sempre transversais, ou seja, que esse movimento de atravessar os conceitos é necessário à experimentação, à criação e à transformação. Nesse sentido, os autores também nos emprestam outro importante conceito: a multiplicidade, que, segundo eles

não deve designar uma combinação de múltiplo e de uno, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo como tal, que de modo algum tem necessidade da unidade para formar um sistema. O uno e o múltiplo são conceitos do entendimento que formam as malhas frouxas demais de uma dialética desnaturada, dialética que procede por oposição. (DELEUZE, 1988, p. 303)

Essa visão contrapõe a ideia de teorias hierarquizadas, de um conceito como superior a outros ou de disciplinas estanques, usando como argumento o fato de que nosso aprendizado e nosso cérebro não obedecem a um sistema verticalizado. Ao contrário: são organismos vivos, experimentais e complexos. Decorre daí o fato de

que as teorias de Deleuze e Guattari foram amplamente difundidas na educação, já que tratam de como aprendemos e estendem-se para como formulamos nosso conhecimento e, por conseguinte, nossas teorias: de modo transversal.

Partindo desse pensamento, no estudo da comunicação, a transversalidade vem à tona como um ponto de encontro, um conceito que permite a convergência dos conceitos necessários ao estudar tecnicidades digitais sem abrir mão da centralidade da comunicação. Não se trata, no entanto, de romper barreiras limítrofes implicadas numa visão disciplinar, mas de permitir o movimento de prolongar-se por inúmeros saberes - sem uma hierarquia pré-concebida - e retornar à comunicação para dar luz, aprofundá-los e promover novas experimentações. Mais do que um elemento hierárquico - que soa contrário à ideia de rizoma - a comunicação atua aqui como ponto de vista sob o qual emergem as linhas de fuga e as multiplicidades.

Uma visão transversal e que considera o que os autores tratam como plano de imanência permite que conceitos sejam revistos, ampliados, renegociados. Pelas teorias da comunicação terem se formado por "oposições binárias, mais do que níveis de análise" (MATTELART & MATTELART, 2012, p. 10), a transversalidade pode justamente um ponto de reconexão. No caso do surgimento de novas tecnicidades digitais, ela ajuda a dar conta de novos fluxos comunicacionais, que ocorrem com base em plataformas tecnológicas que outrora nem existiam e trazem à tona novos potenciais de interação. Essas trocas ocorrem em redes cada vez mais distribuídas e menos verticalizadas, ou seja, transversalizadas e desterritorializadas.

Nesse sentido, Guattari coloca a transversalidade como

meio de escapar, primeiramente, às duas linhas instituídas de segmentação da vida: a verticalidade hierárquica dos organogramas piramidais das instituições e dos estabelecimentos, que fazem parte, no caso que aqui tratamos, da educação; e, em segundo lugar, a horizontalidade massificante que estabelece agrupamentos homogêneos de indivíduos e saberes, baseados em características comuns, como alunos problemáticos, professores de ciclo básico, disciplinas duras ou humanas. (2004, p.110 apud SAAD CORRÉA, 2015)

O sociólogo argentino Eduardo Vizer (2018) toma emprestado o conceito de transversalidade para pensar a comunicação - sobretudo aquela permeada pela mediatização contemporânea - num movimento entre a horizontalidade propiciada por um pensamento transversal e a verticalidade propiciada pela centralidade da comunicação. As duas juntas, segundo o autor, podem fazer surgir novos sentidos à comunicação, já que

este é o processo através do qual as diferentes ciências constroem um campo comum: um ziguezague entre as especificidades que possuem relação lógica e ontológica entre si e a horizontalidade de diferentes campos, práticas e tecnologias. (VIZER, 2018, p. 572)

A ideia deste trabalho é manter a comunicação como campo capaz de ler as trocas simbólicas que ocorrem diante de novas tecnicidades digitais. Nesse sentido, a transversalidade consiste num movimento que pode jogar luz nesse entendimento, enquanto prática mais experimental, múltipla e capaz de gerar linhas de fuga às teorias que já não explicam os novos fenômenos da sociedade digitalizada em sua totalidade.

6 Coleta de Dados

O processo de coleta de dados envolveu a organização e posterior categorização de todos os trabalhos do GP de Cibercultura do Congresso Nacional do Intercom entre 2015 e 2019. Todos os artigos - que após o evento são disponibilizados nos Anais - foram lidos inteiramente e categorizados numa planilha, sendo que cada um compôs uma linha de análise e as categorias foram dispostas em colunas, a fim de serem agrupadas para posteriores resultados.

6.1 Palavras-Chave: mapa indiciário dos artigos

Num primeiro momento, foram analisadas todas as palavras-chave utilizadas para remeter aos trabalhos com a intenção de perceber recorrências ao longo do tempo, bem como identificar elementos que apontassem tendências. Estes termos não necessariamente determinam o trabalho, mas evidenciam interesses e movimentos ao longo dos cinco anos analisados, permitindo avaliar as alterações e as repetições de padrões, além de funcionarem como índices de cada obra, ou seja, sobre o que ela trata. Por isso, todos os termos foram contabilizados ano a ano e, depois, na totalidade.

Os resultados encontrados mostram a baixa frequência na repetição de palavras-chave, o que aponta para um cenário altamente complexo, com uma diversidade grande de temáticas. Entre todas, a expressão mais utilizada foi *Comunicação* (44 menções), seguida por *Cibercultura* (41), *Cultura Digital* (38), *Redes Sociais* (36) e *Facebook* (33). É importante ressaltar que essas expressões são genéricas e, em grande parte, remetem às características do próprio grupo de pesquisa em que estão inseridas, não sinalizando tendências ou qualquer movimento passível de replicação ao campo da comunicação digital. Se considerarmos todas as 1.688 expressões utilizadas nos artigos, a que foi citada mais vezes corresponde a apenas 2,78% do total, ou seja, uma representatividade muito baixa para apontar caminhos numa perspectiva mais ampla destes trabalhos.

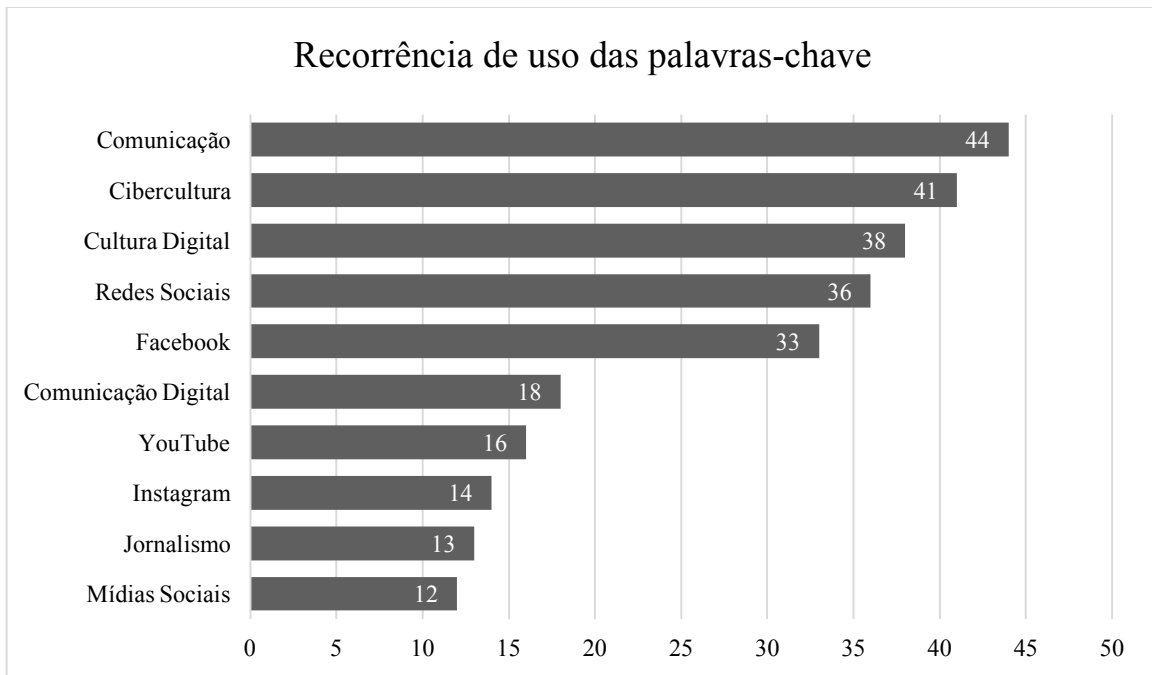


Figure 4 Recorrência das palavras-chave utilizadas nos artigos

É importante considerar, também, que a evolução desses termos ao longo do tempo poderia apontar para o surgimento de novas tendências de pesquisa. Algumas palavras, como é o caso da plataforma "Facebook", tiveram seu uso reduzido acompanhando a quantidade de usuários ativos e a queda de visibilidade desta rede. No entanto, fenômenos representados por termos como "Fake News" e "Big Data", que marcaram boa parte das discussões acerca da comunicação digital nos últimos anos não apareceram com a frequência imaginada antes da análise dos dados. Nesse sentido, foram levantadas duas possibilidades: a primeira é de que esses temas tenham sido foco em outros grupos temáticos do evento, que não o de cibercultura, e a segunda é de que realmente há uma demora de traduzir em pesquisa acadêmica os assuntos que pautam as discussões na imprensa e mercadológicas.

De maneira geral, os últimos anos apresentaram uma complexificação do cenário, com muitas palavras diferentes concentradas num volume menor de citações e mais próximas na quantidade de menções. No gráfico a seguir, é possível perceber a aglomeração dos termos, que sinalizam interesses cada vez mais difusos entre a comunidade acadêmica que estuda a cibercultura, fazendo coro com a ideia de que

a complexidade não compreende apenas quantidade de unidade e interações que desafiam nossas possibilidades de cálculo: ela

compreende também incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios (MORIN, 2015. p. 35)

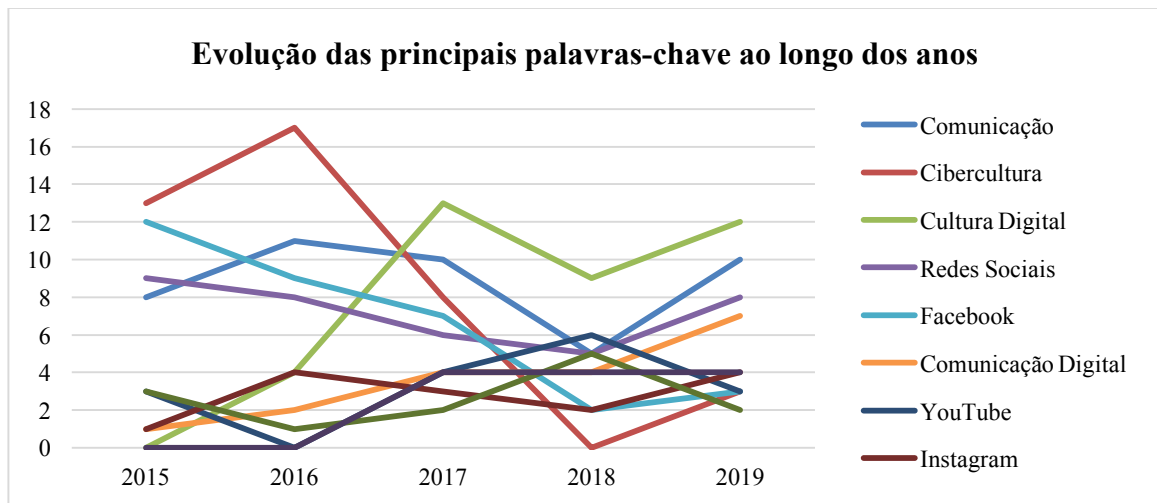


Figure 5 Evolução das principais palavras-chave ao longo dos anos

A ideia de que o conjunto das palavras-chave pudesse sinalizar um caminho inferencial para o restante desta pesquisa foi rapidamente refutada. O que encontramos nesse processo foi justamente o contrário: um cenário que exigia um estudo com mais estofa e profundidade para explicar essa complexidade e que pode abrir caminho para um conhecimento mais rico e menos certo (MORIN, 2005, p. 44). É este pensamento que os artigos parecem refletir, trazendo à tona uma infinidade de fenômenos que representam a dificuldade em tangibilizar o social contemporâneo em poucos temas.

6.2 Categorias de Análise

Seguindo a recomendação de Bardin (1977, p. 34), buscamos seguir por um caminho sistemático e objetivo na descrição dos artigos, criando categorias de análise de conteúdo com o objetivo de facilitar a classificação dos dados e o levantamento de insights acerca do objeto de pesquisa. Dessa forma, foram avaliados seis itens, a que todos os artigos foram submetidos, sendo eles:

- **Resumo:** o resumo diz respeito ao excerto das principais informações do trabalho e oferece um norte à análise posterior.

• **Instituição e natureza da instituição:** este item oferece um panorama de onde estão sendo desenvolvidos os trabalhos acerca de cibercultura, bem como avaliar a proporção de trabalhos desenvolvidos em instituições privadas ou públicas.

• **Papel da internet:** aqui, buscamos compreender como a internet é tratada nos artigos, partindo da fundamentação realizada por Fragoso, Recuero e Amaral (2011), quando distinguem as possibilidades de abordagem teórica em: cultura, artefato cultural e tecnologia midiática. A internet enquanto cultura leva em conta um cenário à parte do social, um tecido cultural com funcionamento e vida próprios. Ela se distingue da segunda abordagem, pois, quando compreendida como artefato cultural, inclui a rede como um dos elementos da cultura, mas não como único nem principal, ou seja, a internet é parte do social, dos discursos, do consumo e do cotidiano. Na terceira perspectiva, a rede assume o papel de tecnologia midiática que gera práticas sociais (2011, p. 43), distinguindo-se das anteriores por um maior destaque às materialidades e suas convergências.

• **Categorias temáticas:** é sabido que o estudo da comunicação no âmbito digital assume uma infinidade de assuntos e abordagens, que crescem dia após dia junto aos novos comportamentos proporcionados pelos recursos tecnológicos. Para fins didáticos, neste artigo partimos do levantamento realizado por Amaral e Montardo (2010), num esforço de mapear os assuntos mais recorrentes entre os anos 2000 e 2010 em três importantes eventos acadêmicos sobre cibercultura: Intercom, Compós e AoIR. Apesar das especificidades assumidas nos dez anos posteriores, em linhas gerais as categorias se mantiveram e, por isso, serviram como ponto de partida para classificação realizada nesta pesquisa, que levou em conta as categorias da tabela que segue.

Categoria Temática	Características da categoria	Principais áreas envolvidas⁴
Linguagem	Estudos sobre arquitetura de informação, hipertexto, links, buscadores, hipermídia e novas linguagens trazidas pelo digital	Filosofia, Informática, Literatura, Artes, Educação, Semiótica

⁴ No recorte que nos interessa aqui, foi retirada a área da comunicação, mantendo apenas as outras áreas de conhecimento que possam prolongar o entendimento dos estudos.

Apropriação tecnológica	Estudo sobre a reconfiguração das práticas sociais ou culturais em função das TIC's	Antropologia, Sociologia
Ciberativismo	Reflexões sobre a potencialização da ação do indivíduo ou do coletivo em termos de ação política na internet	Filosofia, Sociologia
Configurações econômicas e políticas⁵	Novas conformações econômicas e políticas em função da internet	Economia, Filosofia
Inclusão digital	Pesquisas sobre a inclusão social via TIC's	Sociologia, Educação
Práticas de Consumo⁶	Estudos envolvendo as práticas de consumo na internet	Marketing
Socialização online	Estudos sobre as trocas e a socialização online	Sociologia
Epistemologia	Sistematização e estudos teóricos e metodológicos sobre a técnica	Filosofia, Literatura

• **Centralidade:** levando em conta os apontamentos acerca da centralidade da comunicação de Saad (2015), Martino (2007) e Lopes (2004), todos os artigos foram avaliados tendo em mente o retorno à comunicação para analisar e lançar luz sobre os fenômenos estudados. Nesse sentido, vale retomar a concepção sob a qual entendemos a comunicação digital: como um processo social no qual as trocas se valem de recursos tecnológicos, ou seja, um processo relacional.

• **Outras áreas envolvidas na pesquisa:** neste item, buscamos avaliar quais as áreas de conhecimento mais utilizadas para buscar aportes teóricos e metodológicos aos artigos apresentados. Interessa aqui entender os esforços, principalmente dos estudos cujo foco principal é comunicação, a fim de observar o movimento da transversalidade, ou seja, como os autores fazem o movimento de navegar entre

⁵ Na pesquisa original (AMARAL E MONTARDO, 2010, p. 17) , esta categoria estava definida como Economia Política da Comunicação Mediada por Computador. Para este trabalho, optamos pela nomenclatura de Configurações econômicas e políticas, a fim de evitar associações ou aproximações com a vertente teórico-filosófica da Economia Política da Comunicação.

⁶ Neste trabalho, optamos por suprimir a expressão consumo mercadológico, que constava inicialmente na categoria, mantendo apenas "Práticas de Consumo" por entender que o consumo abrange também fenômenos não necessariamente mercadológicos, como consumo de conteúdo, por exemplo.

outras áreas de conhecimento e como retornam à comunicação para obter insights mais ricos para o campo.

A partir dessas condições, cada um dos artigos foi examinado em suas especificidades, buscando aproximações entre práticas de pesquisas e o movimento transversal que busca ampliar os estudos de comunicação. A análise também permitiu um breve mapeamento do campo no Brasil, que será apresentado a seguir.

7 Discussão de resultados

Os resultados da pesquisa foram construídos à medida que a classificação de dados acontecia. Como afirmam Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 91), “o campo oferece pistas não apenas a respeito da relevância das questões de pesquisa mas, igualmente, auxilia a construir essas questões e confronta, também, o pesquisador com novas questões.” Enquanto a pesquisa empírica avançava, foi necessário retornar e, muitas vezes, rever o referencial teórico, da mesma forma que novos cruzamentos e desdobramentos sobre a comunicação apresentavam-se como possibilidades. Assim, chegamos em três níveis de resultados, que dividimos para fins de entendimento a partir dos resultados das categorias temáticas e cujos resultados são apresentados a seguir: 1) Comunicação; 2) Centralidade; 3) Transversalidade.

7.1 Comunicação: um mosaico teórico-metodológico e seus desafios

Inicialmente, a intenção do estudo era mapear unicamente a centralidade comunicacional e o movimento de transversalidade presente nos artigos. No entanto, revelou-se também a possibilidade de conhecer mais profundamente a origem dessas publicações e qual o papel que a comunicação e a tecnologia assumiam nessas produções, oferecendo um cenário de metapesquisa que, em boa dose, elucida um cenário da cibercultura nos programas de pós-graduação do país.

O primeiro item que chamou atenção foi a prevalência da produção acadêmica de instituições públicas quando comparadas às privadas. A distância entre a produção manteve o mesmo ritmo em todos os anos, mostrando que essa lacuna é uma realidade e não um fato isolado. Também houve um trabalho internacional, que foi contabilizado no ano de 2015. É importante considerar que uma quantidade pequena de pesquisas foi realizada em parceria público-privada e, nestes casos, sinalizamos a natureza da instituição do autor principal do trabalho. No somatório dos anos, 66% da

produção apresentada ao GT de Cibercultura do Intercom foi de instituições públicas e 34% de privadas.

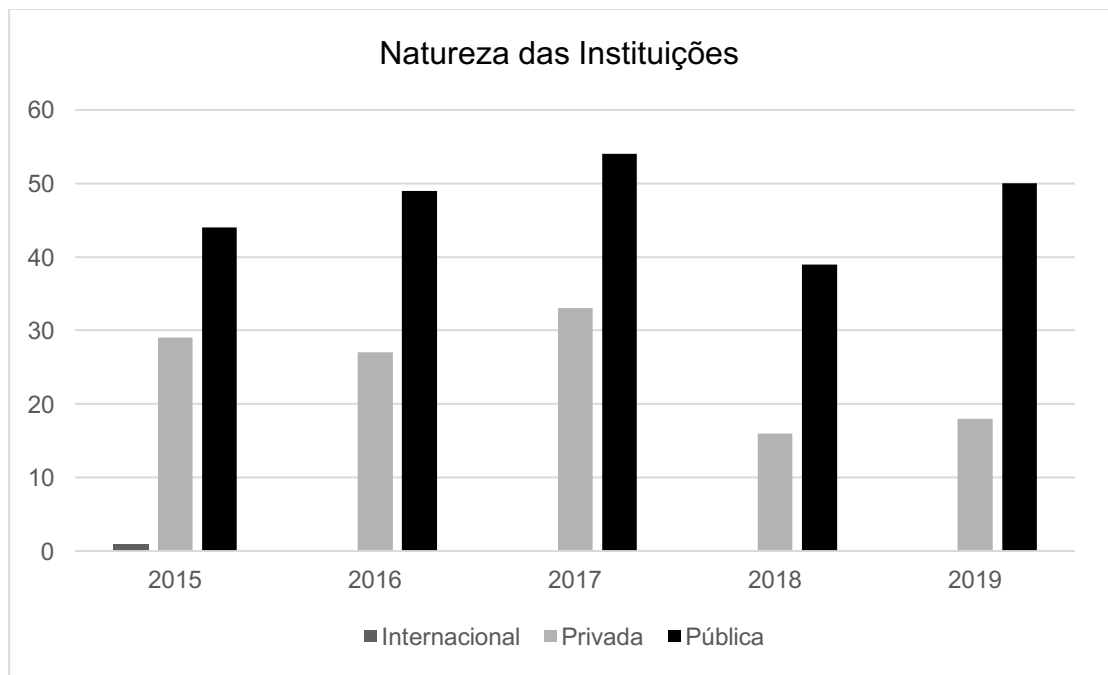


Figure 6 Natureza das instituições dos artigos apresentados

Entre todos os trabalhos apresentados, foram encontradas 78 diferentes organizações, sendo que 31 delas apareceram uma única vez nos cinco anos. Por outro lado, entre as 10 com mais estudos aparecem escolas com tradição, sendo que sete são públicas e três privadas, com grande destaque para a Universidade Federal Fluminense (UFF), que possui mais que o dobro da produção das instituições na segunda posição (USP e PUC-RS). Como era imaginado, muitas das organizações que figuram entre as que mais produzem para este GT possuem linhas de pesquisa direcionadas à cibercultura bem desenvolvidas e já apropriadas a seus programas de pós-graduação, como é o caso da pesquisa de fãs na Unisinos, de estudos de cultura na UFF e de diferentes artigos sobre consumo na ESPM-SP, para citar alguns exemplos. Dessa forma, a maioria dos artigos dessas universidades de algum modo encaixava-se nestes temas, mostrando uma consistência institucional.

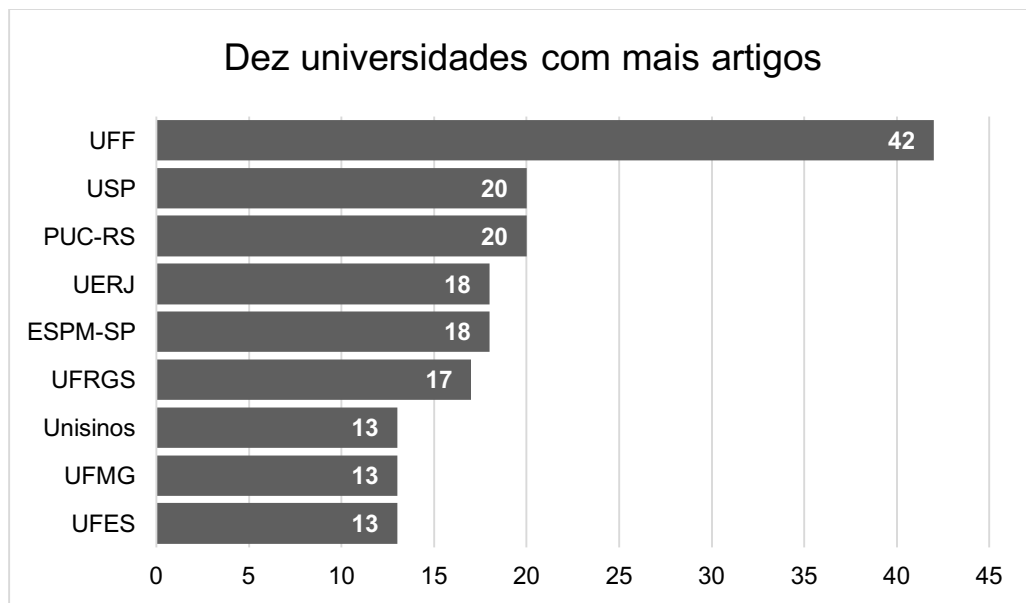


Figure 7 Levantamento das dez universidades com mais artigos apresentados

Sobre o enquadramento temático dos trabalhos, houve uma preponderância dos estudos sobre *Socialização Online* (91 artigos), que acompanham a tendência de enxergar na materialidade das redes sociais um marco e, muitas vezes, quase um sinônimo da cibercultura. Dessa forma, a maioria dos artigos que se encaixaram nesse viés trouxeram a análise de como os sujeitos-usuários interagem em plataformas sociais.

Na sequência, aparece a categoria temática de *Apropriação Tecnológica* (72), que vale-se dos aparatos digitais para avaliar a reconfiguração de práticas sociais. Na terceira colocação, com o mesmo volume de trabalhos, temos os itens de *Ciberativismo* e *Práticas de Consumo* (ambos com 61), sendo que o primeiro levanta principalmente questões relacionadas à raça, gênero e política para uma presença mais cidadã e emancipatória, sobretudo de grupos midiaticamente minorizados, e o segundo traz questões que avaliam a produção e recepção numa lógica de consumo, tanto mercadológica quanto da comunicação materializada em seus produtos, como o conteúdo, por exemplo.

Produções relacionadas à *Linguagem* - tanto a de texto, quanto a de novos formatos como GIF's - encontram-se numa faixa de interesse intermediária (41 artigos) e, por fim, temos os trabalhos relacionados às *Configurações econômicas e políticas* (13) trazidas pela internet, *Epistemologia* (13) e *Inclusão digital* (5), as três categorias que despertaram menos interesse dos pesquisadores, conforme elucidamos no

gráfico a seguir.

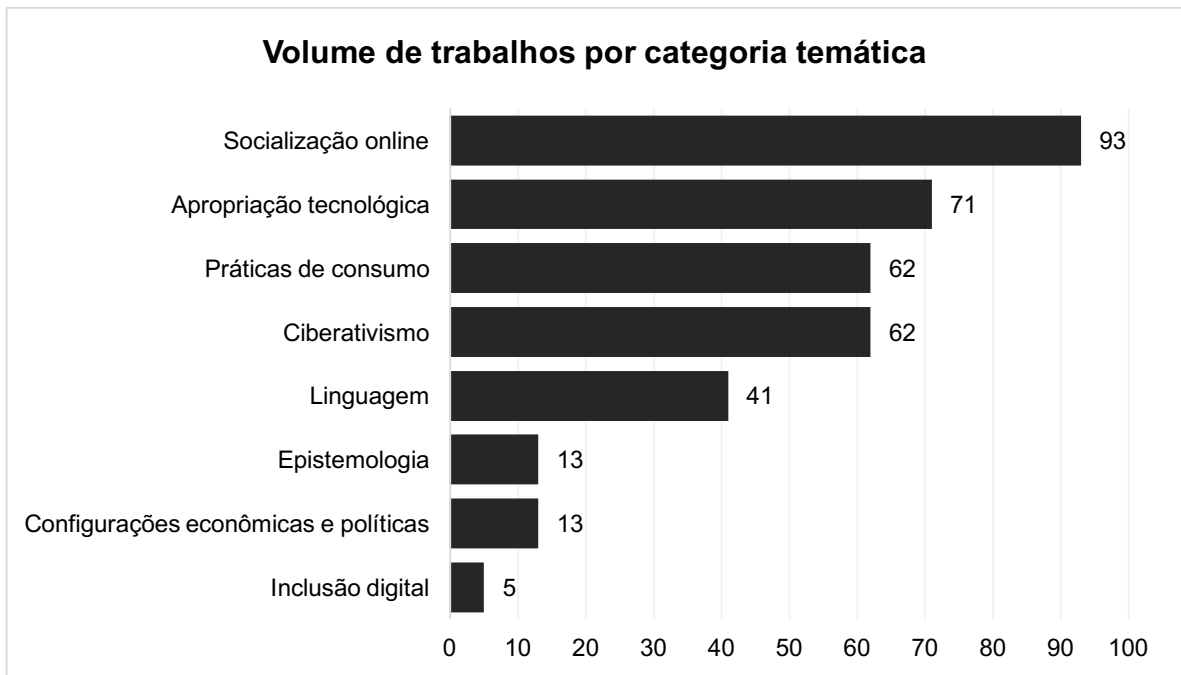


Figure 8 Volume de trabalhos por categoria temática

Outra questão que vale ser mencionada é uma espécie de dificuldade metodológica nos artigos apresentados. A maioria esmagadora dos trabalhos baseou-se em revisão teórica⁷ e estudo de caso, com uma abordagem qualitativa que é recorrente a trabalhos de comunicação, que versam de forma esmagadora sobre fenômenos comportamentais e precisam, deste modo, compreendê-los e explicá-los. No entanto, o exame dos trabalhos deixou evidente uma clara dificuldade em diferenciar método e técnica de pesquisa, sendo necessárias inferências da autora na hora de categorizar os dados.

Um exemplo dessa dificuldade é o uso da metodologia classificada como "estudo de caso", que, por muitas vezes, não explicava suas técnicas de operação, ou seja, como esse caso, na pesquisa empírica, foi analisado, quais dados entraram na composição de análise e por qual critério. Outra confusão metodológica encontrada foi na diferença de sondagem e pesquisa científica, que os trabalhos não explicitavam, sobretudo na aplicação de questionários sem amostra estatística válida ou cuja seleção de dados não refletia critérios claros.

⁷ Incluímos neste agrupamento, também, descrições de levantamento bibliográfico, revisão bibliográfica e referencial.

Inicialmente, pensamos que essa lacuna pudesse ser reflexo da limitação de espaço de um artigo acadêmico - que é muito diferente de um relatório de pesquisa, uma dissertação ou uma tese, por exemplo, que deixa mais superfície para explicitar procedimentos metodológicos -, mas na medida que íamos avançando percebemos que era recorrente e apresentava-se como um ponto crítico ao campo e válido de ser mencionado nos resultados.

De acordo com Lopes,

a reflexão metodológica não só é importante como necessária para criar uma atitude consciente e crítica por parte do investigador quanto às operações científicas que realiza na investigação e quanto ao questionamento constante a que deve submeter os métodos ante as exigências que lhe impõe a realidade (LOPES, 2014, p. 92)

Levantamos algumas hipóteses para esse impasse. A primeira delas diz respeito a uma necessidade institucional de volume de publicações, o que faz com que, muitas vezes, as pesquisas não estejam suficientemente maduras para tornarem-se artigos científicos. A quantidade de produção de docentes e discentes dos programas de pesquisa é um dos critérios de avaliação da Capes⁸, grande baliza da qualidade dos programas, fazendo com que a regra do jogo frequentemente privilegie quantidade à frente da maturidade e qualidade científica destes artigos. Isso é contraditório ao fato de que "estamos na aurora de um esforço de fôlego e profundo, que necessita de múltiplos desenvolvimentos novos, a fim de permitir que a atividade científica disponha dos meios de reflexividade, isto é, a autointerrogação." (MORIN, 2005, p. 26), mas, vinculados institucionalmente, sobretudo pesquisadores mais jovens e ainda pouco dotados de credibilidade acadêmica, acabam por tornarem-se reféns dessa regra, que inclui ainda a disponibilização de bolsas de pesquisa e de recursos financeiros para os programas.

Vale salientar, contudo, que essa questão não é nova à comunicação e muito menos exclusiva dos trabalhos analisados. Como revela Lopes,

um exame mais detido das pesquisas em Comunicação no Brasil e na América Latina, por exemplo, revela escassa preocupação com questões teóricas - como é o caso das influências recíprocas e as conexões existentes entre os paradigmas - o que mostra também uma perigosa visão dogmática

8 A Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu em todos os estados brasileiros.

e banalizadora da própria história do desenvolvimento científico nas Ciências Sociais. (LOPES, 2014, p. 42)

A segunda elucidação relaciona-se com a dificuldade da própria comunicação digital em encontrar clareza metódica para seu empirismo. Uma vez que a maioria esmagadora dos estudos versa sobre fenômenos do que chamamos de mundo da vida, cada trabalho exige uma construção metodológica específica e geralmente multi-metódica, o que faz com que seja difícil se apoiar em linhas gerais para o estudo do digital na comunicação. Nesses casos, no entanto, é necessário retornar às raízes epistemológicas e buscar apoio nos construtos pré-digital, além de recorrer a áreas mais desenvolvidas nesse sentido.

7.2 Centralidade dos estudos: um olhar à comunicação e às tecnologias

O recorte de análise nos permitiu inferências a partir daquilo que é produzido na área da comunicação, bem como da forma como ela é tomada nos trabalhos. A centralidade encontrada apresenta uma clara dicotomia entre comunicação e mídias, abarcando diferentes correntes do paradigma que podemos chamar de midiatização. Vale ressaltar, nesse sentido, que não pretendemos uma crítica ao fato do foco dos artigos voltar-se à mídia - tangibilizados aqui em recursos, plataformas, aparatos e ferramentas -, sobretudo no caso de um evento que utiliza a prerrogativa da interdisciplinaridade, como é o caso do Intercom.

A problematização, no entanto, cabe quando esses trabalhos reivindicam o status de estudos de comunicação sem necessariamente debruçarem sobre as características do campo. Vale lembrar que aqui assumimos a visão de comunicação como algo relacional que ocorre com base em tecnologias digitais (por isso o GT de Cibercultura), tomando emprestado o entendimento de que ela consiste num "processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos" (FRANÇA, 2013, p. 241).

Nesse sentido, empreendemos duas análises: uma primeira debruçando-nos sobre a centralidade de cada artigo a partir das leituras atentas ao desenvolvimento do trabalho e outra investigando como o digital é percebido e acionado em trabalhos

que se enquadram na cibercultura, questão que se apresentou como interessante no desenvolvimento do estudo.

Nos resultados, 62% dos trabalhos demonstraram o esforço dos pesquisadores em retornar ao cerne da comunicação para fazer suas análises, enquanto 34% tiveram como base as mídias em que a comunicação se materializava. Ainda, vale ressaltar, que apenas 4% dos trabalhos versava sobre outra linha central e, nestes casos, apenas buscava apoio e ressonância no GT em análise, o que é natural em eventos interdisciplinares.

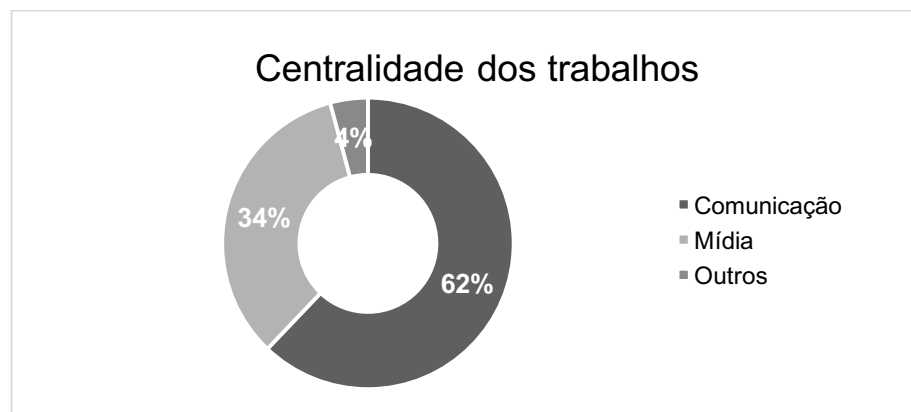


Figure 9 Centralidade dos trabalhos

Chama atenção a diferença de estágios entre os trabalhos que abordam a comunicação. Alguns ainda a percebem como informação - levando para o digital uma envergadura que contempla a ideia de emissão-recepção -, enquanto outros já a percebem como este artefato relacional, que proporciona trocas simbólicas contextualizadas. Para fins metódicos, ambos foram classificados como comunicação, mas deixam espaço para um estudo posterior a esta pesquisa.

Os trabalhos categorizados como mídia detinham maior atenção aos aparatos do que ao processo relacional em si, não retornando à comunicação para jogar luz sobre as questões estudadas. Aqui, encontramos muitos trabalhos desenvolvidos com ênfase na estrutura de aplicativos, realidade virtual (VR) ou mesmo sobre estudos de plataformas específicas e não sobre as trocas tecnossociais realizadas a partir dessas plataformas.

Cabe salientar, todavia, que o tema de forma alguma define o enquadramento de um trabalho. Ao contrário, um mesmo assunto pode receber dois focos completamente diferentes de acordo com a intenção do autor, levando-o a uma

abordagem centrada em sua processualidade comunicacional ou em suas materialidades, por exemplo. Por isso, a importância de debruçar-nos com uma leitura atenta a cada um dos trabalhos a fim de evitar uma análise leviana e tendenciosa.

Outro ponto que buscamos classificar foi a presença do que Recuero, Frago e Amaral categorizam como Internet (2011, p. 27) e que aqui também inclui a compreensão da rede como tecnicidade digital (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 76). Baseando-nos numa análise inicial das autoras, intencionamos perceber como estes trabalhos incluíam sua visão da rede. Dessa forma, utilizamos as distinções de artefato cultural, cultura e tecnologia midiática.

Os resultados apontam para uma predominância da internet enquanto espaço que possibilita análise de discursos e identidades como reflexo de uma integração cotidiana entre offline e online, sem distinções entre os dois espaços. Dessa forma, 47% dos trabalhos entenderam a internet como artefato da cultura.

Logo em seguida, com 34% de representatividade, temos a rede enquanto tecnologia midiática abarca principalmente temáticas que se baseiam na convergência e na materialidade das mídias, com destaque para trabalhos que se embasam na Teoria Ator-Rede (LEMOS, 2016), cujo um dos principais estudiosos é o antropólogo francês Bruno Latour.

Na terceira colocação, a ideia da internet enquanto cultura à parte, que se distingue do offline, corresponde a 21% dos artigos. Nesse sentido, pode-se inferir que à medida em que as tecnologias evoluíram e foram incorporadas à sociedade, a comunicação também migrou de uma visão dicotômica que isolava a rede enquanto uma cultura encapsulada para um entendimento que a percebe como um - mas não o único - item de influência dos processos comunicacionais.

A partir do exame da centralidade e também de como a rede foi absorvida nos artigos, é possível promover um cruzamento entre os dois critérios. Apenas quando entendida como tecnologia, num papel de convergência e com foco em suas materialidades, a proporção entre centralidades de mídia e comunicação contrariam o cenário geral, mantendo 50% para cada foco. Enquanto cultura, há uma leve preponderância para trabalhos de comunicação, centralidade que se amplia quando observada a categoria de artefato cultural, em que 82% dos trabalhos versam sobre o processo comunicacional.

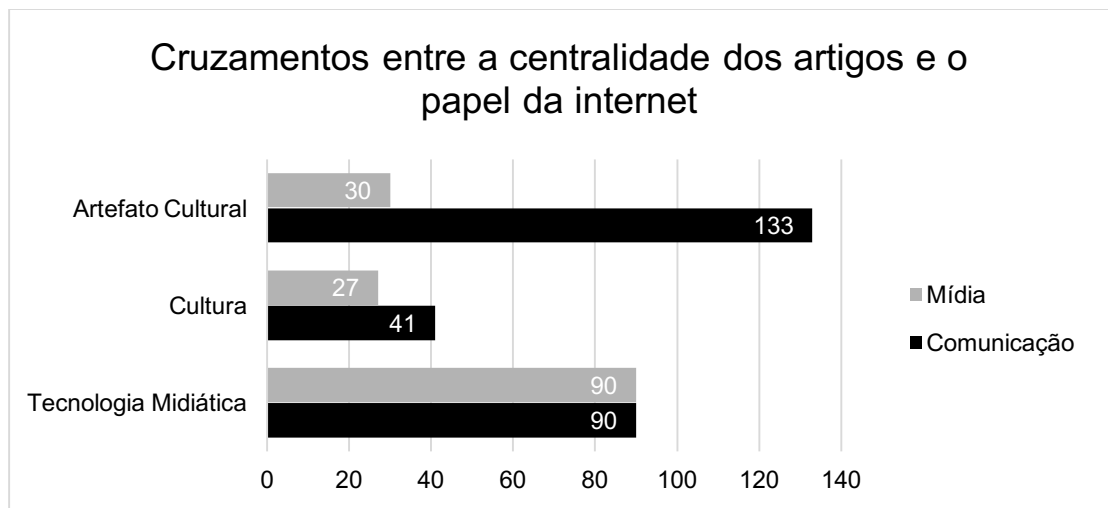


Figure 10 Cruzamentos entre a centralidade dos trabalhos e o papel da internet

O cenário que conseguimos identificar ainda se volta à comunicação para a compreensão dos fenômenos da cibercultura, independente de como compreendem a internet e suas tecnicidades digitais. Esta comunicação enquanto lente convocada para compreensão dos fenômenos consiste num elemento-chave para a relevância social do campo. Como percebemos, os trabalhos deixam clara uma necessidade - não nova, mas urgente - de um aperfeiçoamento de questões metodológicas, mas apresentam caminhos na abordagem dos produtos e das tecnicidades não como espaços imaculados, mas como partes da experiência social.

7.3 A tal transversalidade

Antes de adentrarmos sobre a análise específica desta pesquisa, cabe retomar um trecho da pesquisa de Martino (2013), publicado no periódico *Questões Transversais*:

O deslocamento do objeto para as redes sociais online, seja buscando suas especificidades, seja procurando compreendê-las na relação com as redes interpessoais desconectadas, providencia um corpo teórico específico, tomado de empréstimo às Ciências Sociais – notem-se, apenas a título de exemplo, as referências ao conceito de “capital social” no estudo das redes sociais. O exame das redes combina, em geral, um referencial da Sociologia, em contatos com pioneiros da teoria das redes, como Barnes (1954), Baran (1963) ou Granovetter (1983), para extrapolar as considerações nos ambientes digitais. (MARTINO, 2013, S/p)

Trouxemos este pensamento pois ele encontrou eco no estudo empreendido com os artigos apresentados ao Intercom, quando, para além da área da

comunicação, os autores recorriam a outros campos de conhecimento. Como era de se esperar, a sociologia e suas vertentes, como a antropologia, tiveram ampla presença entre os trabalhos. Em seguida, apareceram filósofos, sobretudo aqueles ligados às materialidades, à memória e à forma como compreendemos a passagem do tempo, temas contemporâneos à comunicação digital.

Em toda a avaliação, houve um olhar atento ao modo como a comunicação construía pontes e, em muitos casos, percebia-se uma dificuldade em concatenar diferentes teorias, mesclando-se autores que, ideologicamente, não se aproximam, mas que eram colocados lado a lado nos trabalhos sem um contraponto das diferentes percepções. Ainda assim, é notável um esforço em ampliar as fronteiras da comunicação, gerando novos laços científicos e indo ao encontro dos princípios de conexão e heterogeneidade que marcam a transversalidade e em que "qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem" (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 168).

O que encontramos foi uma realidade em que apenas 100 trabalhos não trouxeram outras áreas para seus estudos. Entre os que trouxeram, muitos deles ativaram mais de um campo de conhecimento. Como critério para estes resultados utilizamos a relevância com os autores foram trabalhados no desenvolvimento do texto - se houve contextualização e destaque, por exemplo - e também a presença dos mesmos na bibliografia utilizada.

Estudiosos e obras ligadas à Sociologia foram ativados 142 vezes, seguidos pela Filosofia, que participou de 55 artigos e Estudos de Gênero⁹, utilizados para embasar 19. Tais resultados, foram compilados numa nuvem de palavras para facilitar a visualização dos dados. É importante considerar que os laços teóricos, metodológicos e epistêmicos foram criados, em sua maioria, com o conhecimento das Ciências Sociais e Humanas, como era de se esperar para uma área cujo grande pilar é o entendimento do comportamento humano e quando associada à cibercultura nos impões uma certeza:

um vínculo indissolúvel com a contemporaneidade do digital, seus meios e suas tecnologias. A presença em nosso cotidiano de incontáveis

⁹ Mantivemos os Estudos de Gênero como um item à parte em nossa análise, pois a maioria da bibliografia utilizada possuía matriz multidisciplinar, não se enquadrando em nenhuma das outras áreas que apareceram nos trabalhos.

manifestações, experiências e vivências relacionadas à digitalização de atos, modos e expressões acopla o prefixo “ciber” à maioria dos processos tecnossociais de nosso tempo. (SAAD CORREA, 2010, p. 24)



Figure 11 Nuvem de palavras com a análise dos campos de conhecimento presentes nos trabalhos

Outra característica da transversalidade que marcou o exame dos artigos foi a prática do agenciamento, que possibilita o "crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que aumenta suas conexões" (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 206). O mapa da pesquisa, como destacam os autores de *Mil Platôs*, deve ser desmontável e remontável, o que só ocorre com tamanha heterogeneidade e diversidade quanto a que encontramos nos trabalhos que são objeto dessa pesquisa.

A transversalidade traz em si incontáveis movimentos, possibilidades de conexão e de redesenho do que entendemos como comunicação e seus imbricamentos por tecnicidades digitais. Sem dúvidas, estamos diante de um cenário marcado pela complexidade, cuja elucidação de pensamento foi o paradigma epistemológico desta pesquisa. Como sinaliza Morin, "a evolução do conhecimento científico não é unicamente de crescimento e extensão do saber, mas também de transformações, de rupturas, de passagem" (2005, p. 22).

Os rizomas que abrem espaço para pontes são diversos e incontáveis nos trabalhos analisados, o que pode ser contraditório aos principais paradigmas científicos da atualidade, que se agarram - como que num último suspiro - a qualquer forma de controle e produtividade com a ideia de que isso possa garantir a relevância

social do campo. Quando percebemos diferentes gerações de pesquisa fazendo distintas conexões, concatenando novos construtos para explicar fenômenos que não existiam há poucos anos e repensando o clássico da comunicação à luz de novos mosaicos, reafirmamos sua diversidade e abrangência para entender o tecido social.

É importante salientar que, de maneira alguma, vemos no movimento transversal uma maneira de suprimir ou reduzir tudo que foi pensado, teorizado ou formulado anteriormente, por gerações de pensadores da comunicação. Inclusive, em termos de cibercultura, reafirmamos que "os conceitos fundantes de todo esse cenário são anteriores e muito mais enraizados no tecido social que o recente período" (SAAD CORREA, 2010, p. 29).

Contanto, ser rizomorfo é justamente "produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, se conectam com elas penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos" (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 206). Trata-se, de transformar, ampliar e ressignificar o pensamento e a prática da comunicação, movimento que parece ser pretendido nos artigos apresentados.

Não é possível inferir, com precisão, se essa dinâmica é consciente por parte dos pesquisadores que se dedicam ao estudo da cibercultura, mas não há dúvidas que ela está presente nos trabalhos e revela novas possibilidades. Ainda há muito que construir, sobretudo na maturidade teórico-epistêmica dessas conexões, sobre o entendimento metodológico e científico das análises e sobre o ideológico por trás das pontes entre diferentes campos do conhecimento. No entanto, é inegável que a transversalidade se faz presente nos trabalhos examinados e aponta, acreditamos, para uma comunicação consoante ao estudo das práticas sociais.

Fica o questionamento, porém, de como equilibrar os possíveis conflitos desse movimento de abertura - que entendemos como evolução - com uma cátedra que ainda se baliza em paradigmas de conhecimento menos flexíveis, exigindo uma rigidez teórica que fazia sentido em outros tempos, mas que precisa ser reconstruída à luz de incontáveis novas tecnicidades digitais e práticas sociais. Quando tomamos a rede como tecnologia midiática, cultura ou artefato, percebemos a dimensão que a cibercultura trouxe à comunicação, aproximando-se mais do que chamamos aqui de tecido social.

Nesse sentido, a transversalidade não é apenas um movimento de contextualização, mas também um caminho para passearmos por outros

conhecimentos e voltarmos à lente da comunicação para fazer leituras e aprofundamentos. Mantém-se assim, também, o princípio da centralidade comunicacional, elemento importante para reforçar a pertinência do campo na sociedade contemporânea.

8 CONSIDERAÇÕES

Escolher pensar a comunicação e suas teorias com uma análise que inclui a pesquisa científica realizada pelo campo nem sempre é uma tarefa fácil. Ao contrário, exige ter em mente o valor e o papel que o processo comunicacional ocupa nesse contexto para criar um *modus operandi* capaz de traduzir essa visão no processo empírico de pesquisa, equilibrando percepções ora mais críticas, ora mais propositivas. Neste trabalho, não foi diferente. Colocamos em linha a ideia de que a comunicação é central à leitura dos fenômenos que norteiam a sociedade digitalizada, mas que pode (e deve) ser enriquecida por outros campos de conhecimento que dialogam com a compreensão do tecido social contemporâneo.

Após a formulação do raciocínio teórico que guiou nossa reflexão, foram estabelecidos alguns eixos que nos conduziram por esta jornada de pesquisa: 1) a complexidade enquanto paradigma de pensamento que permitia uma visão de ciência mais aberta e multidimensional; 2) a comunicação, entendida como um processo de trocas simbólicas, com interesse especial à suportada por técnicas digitais; 3) e a transversalidade enquanto movimento capaz de fazer emergir novas elaborações e devires acerca da comunicação contemporânea, a partir da busca de subsídio em outros aportes e áreas, mas mantendo o princípio da centralidade.

A partir dessas elaborações, a pesquisa empírica envolveu a coleta dos dados e um longo e dedicado processo de exame dos artigos, com a leitura atenta que findava com a sistematização das informações a fim de trazer valor científico aos resultados. Vale ressaltar que a categorização, por muitas vezes, exigiu ampliar nossa bagagem científica, buscando entender novos autores, extrair inferências que não estavam descritas objetivamente no trabalho, compreender a proposta de cada um dos 360 artigos. Foi um processo desafiador, mas, sem sombra de dúvidas, enriquecedor.

Como resultado, ampliamos a lente para além da transversalidade, trazendo

também uma breve visão do campo da comunicação aplicado à cibercultura. O que encontramos mostra uma comunicação extremamente complexa, impermanente e, como já sinalizamos na introdução deste trabalho, em constante movimento. São inúmeros temas, abordagens e propostas que não conseguiríamos compilar num trabalho de mestrado. Ainda assim, percebemos um esforço deliberado de colocar a comunicação em sintonia com um mundo cada vez mais marcado pelo que chamamos de tecnicidades digitais. Uma das formas de tangibilizar esse esforço foi justamente buscando apoio em outros campos de conhecimento, criando diálogos e pontes entre diferentes teorias e fazendo do movimento da transversalidade uma amálgama para uma prática mais experimental, múltipla e capaz de gerar linhas de fuga às teorias que já não explicam os novos fenômenos da sociedade digitalizada em sua totalidade.

A pesquisa também trouxe alguns apontamentos críticos quanto à estruturação dos artigos, o conhecimento e apuro metodológico na construção das narrativas e uma dificuldade entre relacionar teoria e prática, que deixava uma lacuna entre o desenvolvimento teórico e a análise dos casos ou dos dados dos artigos. No entanto, a investigação prévia da nossa pesquisa já havia sinalizado que este era um cenário não restrito a este grupo temático ou evento, sendo recorrente no campo da comunicação como um todo.

De qualquer modo, acreditamos ser pertinente trazer esses pontos à tona, sobretudo devido ao fato deste trabalho estar inscrito na área de Teoria e Pesquisa em Comunicação. Nosso objetivo aqui, de forma alguma, é desmerecer os artigos ou a construção acadêmica realizada, mas elucidar pontos de atenção para o desenvolvimento de uma prática ainda mais qualificada.

A transversalidade que encontramos neste estudo vai ao encontro do nosso sistema de hipóteses, em que a comunicação poderia se apoiar neste movimento para ultrapassar a insuficiência em si mesma para ler os fenômenos contemporâneos, que se baseiam em grande medida nas tecnicidades digitais que também dão vida aos estudos da cibercultura. Mais que tentar comprovar as hipóteses, nosso processo de pesquisa envolveu a abertura ao novo, aos resultados encontrados e às surpresas do percurso.

Temos a consciência do que encontramos aqui é um recorte específico e limitado ao objeto estudado, mas a pesquisa pode abrir caminhos para novos estudos. É

possível, por exemplo, desenvolver dois trabalhos distinguindo a produção acadêmica em si e o movimento da transversalidade, bem como fazer o cruzamento dos dados do Intercom com outros eventos importantes à área da Cibercultura, como Compós e ABCiber, por exemplo. Os resultados também reforçam o espaço e a importância de desenvolvermos novos trabalhos sobre metodologia e práticas de pesquisa, sobretudo em frentes como o digital, que exige constantemente a adaptação de técnicas e a formulação de verdadeiros mosaicos metodológicos. É possível, ainda, prolongarmos a discussão da transversalidade, trazendo - além de áreas de pesquisa - os autores mais utilizados para criar a colaboração com outros campos de conhecimento.

As possibilidades são muitas e ajudam a ressaltar a ideia de que esta pesquisa não visa traçar uma identidade única do campo. Ao contrário, pretendemos contribuir com ele trazendo a nossa visão de comunicação como algo mais aberto, múltiplo e atravessado por inúmeros agenciamentos, que só poderão ser realizados se os pesquisadores da área também estiverem em constante movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

XXXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 37, 2015, Rio de Janeiro. São Paulo: Intercom, 2015. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015>. Acesso em: 25 de março de 2020.

XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 39, 2016, São Paulo. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em:

<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016>. Acesso em: 25 de março de 2020.

XL CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 40, 2017, Curitiba. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em:

<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017>. Acesso em: 25 de março de 2020.

41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2018, Joinville. São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em:

<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018>. Acesso em: 25 de março de 2020.

42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2012, Belém. São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em:

<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019>. Acesso em: 25 de março de 2020.

AMARAL, A. R.; MONTARDO, S.P. Pesquisa em Cibercultura: análise da produção científica brasileira na Intercom. **Logos** (UERJ. Impresso), v. 18, p. 8, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CHECHETTO, F. B. ; MARTINO, L. M. S. . Qual conceito de ciência fundamenta as Teorias da Comunicação? Um estudo exploratório do cânone. **Verso e Reverso**. (UNISINOS. ONLINE), v. 33, p. 2, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. V1. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995.

DENZIN, Normam K., LINCOLN, Yvonna S. (2006) O planejamento da pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Penso.

DUARTE, Teresa. (2009) A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). CIES e-WORKING PAPER N.º 60/2009. **Centro de Investigação e Estudos de Sociologia**. ISSN 1647-0893) Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1319/3/CIES-WP60%20_Duarte.pdf Acesso em 15/04/2020.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana (2011). **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina. 239 p.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Tendências das teorias da Comunicação: mapeamento de campos teóricos contemporâneos. **Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 4, p. 1-11, 2016.

_____. Comunicação como campo de cruzamentos, entre as estatísticas e o universal vazio. **Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 2, p. 1, 2013.

Hine, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: Sage Publications, 2000.

KARHAWI, Issaaf Santos. **De blogueira à influenciadora: motivações, ethos e etapas profissionais na blogosfera de moda brasileira**. 2018, 330f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

LEMONS, André. **Teoria Ator-Rede e Estudos de Comunicação**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2016. v. 1. 205p .

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **INTERCOM** (São Paulo), São Paulo, v. XXVII, n.º 1, p. 24-38, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: Mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51- 79.

_____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MARTINO, L. C.; BERGER, C. R.; CRAIG, R. T.. **Teorias da Comunicação: Muitas ou Poucas?**. 1. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007. v. 1. 138p.

MARTINO, L. M. S. Repensando a(s) Teoria(s) da Cibercultura: articulações e tensões com a área de Comunicação. **Questões Transversais**, v. 1, p. 19-26, 2013.

_____. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MATTELART, Michèle. ROUANET, Luiz Paulo. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2014.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Como viver em tempos de crise**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RÜDIGER, F.. **Cibercultura e pós-humanismo: elementos de arqueologia e linhas de criticismo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. 245p .

SAAD CORRÊA, Elizabeth. **Reflexões para uma epistemologia da comunicação digital**. Observatorio (OBS*), v. 4, p. 307-320, 2008.

_____. Centralidade, transversalidade e resiliência: reflexões sobre as três condições da contemporaneidade digital e a Epistemologia da Comunicação. In: Richard Romancini; Maria Immacolata V. de Lopes. (Org.). **Anais do XIV Congresso Ibero-Americano de Comunicação IBERCOM 2015: comunicação, cultura e mídias sociais**. 1ed.São Paulo: ECA/USP, 2015, v. 1, p. 110-132.

_____. Fragmentos da cena cibercultural: transdisciplinaridade e o não-conceito. **Revista USP**, v. 86, p. 23-36, 2010.

SAAD CORRÊA, Elizabeth. SILVEIRA, Stefanie. Proposta teórico-metodológica para a pesquisa de objetos no jornalismo. **Matrizes (Online)**, v. 11, p. 163-182, n.2 2017.

Shirky, Clay. **A cultura da participação: criatividade, generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

SCHRAMM, W (1963). Communication Research in the United States. In: **Schramm, W. The Science of Human Communication**. New York, Basic Books, pp. 1-16.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do Comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. **Dossiê MATRIZES**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Paulo: PPGCOM/USP. v. 13, n.2, de 2018.

VIZER, E. A. **Notas para una ontología de la comunicación II: sobre las "materialidades de la comunicación"**. Palabra Clave, 21 (2018).